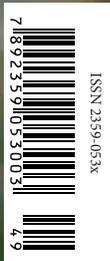


ANO 9 - NÚMERO 118 - AGOSTO 2024

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 ago a 14 set/24



CAATINGA: O BIOMA BRASILEIRO QUE ENSINA O PAÍS A CONVIVER COM A DESERTIFICAÇÃO E A SECA

p. 08

MEMÓRIA

Tuire Kayapó
foi guerrear no céu

p. 26

HISTÓRIA SOCIAL

Margarida Maria Alves:
"da luta eu não fujo"

p. 32

UNIVERSO FEMININO

Alicia Mangabeira:
"nada sobre nós sem nós"

p. 48



LIGADOS
PELOS
DIREITOS
DE TODOS

**28 DE AGOSTO
DIA DO BANCÁRIO**



LIGADOS PELOS DIREITOS DE TODOS

Em agosto, mês em que celebramos o **Dia do Bancário**, a **Fenae** homenageia todos os trabalhadores que dedicam suas vidas à prestação de serviços essenciais para a população, garantindo acesso a um sistema financeiro mais justo e eficiente.

Destacamos especialmente as **empregadas e os empregados da Caixa**, que enfrentam desafios diários para promover o desenvolvimento social e econômico do país.

Reconhecemos suas lutas e conquistas históricas, essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária.

Agradecemos pelo compromisso e pela dedicação de cada trabalhador bancário, alicerces imprescindíveis no progresso do país.



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Aponte a câmera
do seu celular para
o QR Code e conheça a Fenae.



Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da *Xapuri* lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a *Xapuri* 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da *Xapuri*, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da *Xapuri* 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Leticia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: *Xapuri* Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

CAATINGA:

O BIOMA BRASILEIRO QUE ENSINA O PAÍS A CONVIVER COM A DESERTIFICAÇÃO E A SECA

É da Caatinga, o bioma mais seco do Brasil, que vêm as lições mais profundas de como conviver com o Semiárido brasileiro. Um tema essencial neste momento em que o Brasil pega fogo no Pantanal e a Amazônia se prepara para enfrentar uma de suas piores secas.

Os exemplos da Articulação do Semiárido Brasileiro e da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, retratados por Eduardo Pereira nesta nossa matéria de capa de agosto são especialmente importantes nesses tempos em que, comprovadamente, o Brasil está secando.

Não bastasse a dureza do alerta de Alexandre Pires, diretor de Combate à Desertificação do MMA, de que já há áreas em processo de desertificação no sul do país, em Minas, no Rio de Janeiro e no Pantanal, neste agosto perdemos Tuíre Kayapó, Márcio Souza e Athos Pereira da Silva, símbolos de luta e resistência.

Tratamos, pois, nesta X118, de temas doidos, porém necessários.

Boa Leitura!



Zezé Weiss – Jornalista
Editora da *Revista Xapuri*

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - AGOSTO

Adair Rocha – Professor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Geógrafo. Arthur Wentz e Silva – Estudante. Bia de Lima – Parlamentar. Eduardo Pereira – Sociólogo. Emir Bocchino – Designer. Emir Sader – Sociólogo. Iêda Leal – Gestora Pública. Igor Stochit – Designer. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Bessa Freire – Escritor. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Maria Leticia Marques – Ambientalista. Romulo Andrade – Poeta. Suzana Moura – Professora. Zezé Weiss – Jornalista.



CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. **Adrielle Saldanha** - Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Traiano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista. **Iêda Vilas-Bôas** - Escritora. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto** - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. **Eduardo Pereira** - Produtor Cultural. **Iolanda Rocha** - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. PhD.





Xapuri 118

SOCIOAMBIENTAL

AGO 24

08 **CAPA**
Caatinga: o bioma Brasileiro que ensina o país a conviver com a desertificação e a seca

21 **HISTÓRIA SOCIAL**
A restauração dos Silva

15 **BIODIVERSIDADE**
Vergateza: o viagra do Cerrado

22 **CONJUNTURA**
Alterações climáticas: tema dominante do século XXI

18 **ARQUEOLOGIA**
Uma floresta que virou pedra

25 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
"Racismo velado é conversa pra boi dormir"

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 **MEMÓRIA**
Tuire Kayapó foi guerrear no céu

32 **HISTÓRIA SOCIAL**
Margarida Maria Alves:
"da luta eu não fujo"

36 **MEMÓRIA**
Márcio Souza: abrindo caminhos

39 **FOTOGEOGRAFIA**
Perigosa, esquecida e linda!

42 **MUDANÇAS CLIMÁTICAS**
O fogo não dá trégua no Pantanal

44 **RESISTÊNCIA INDÍGENA**
Os Boe Bororo:
cultura e história

46 **SUSTENTABILIDADE**
Uma mulher presidenta dos Estados Unidos: um novo feminino?

48 **UNIVERSO FEMININO**
Alicia Mangabeira:
"nada sobre nós sem nós!"



***“Estamos perdendo umidade.
O Brasil e o planeta estão
ficando cada vez mais secos.”***

Alexandre Pires - Diretor do Departamento de Combate à Desertificação - Secretaria Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais e Desenvolvimento Rural Sustentável - Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima - MMA

CAATINGA: O BIOMA BRASILEIRO QUE ENSINA O PAÍS A CONVIVER COM A DESERTIFICAÇÃO E A SECA

Eduardo Pereira

Os dados da ciência já não deixam dúvidas: as águas do Brasil estão secando. Segundo o Map-Biomas, a tendência observada no país, desde 1985 (início da série histórica), é de declínio das águas. Especificamente em 2023, a redução foi de 1,5% em relação à média histórica. Atualmente, a água cobre apenas 183.000 km², ou seja, 2% do território brasileiro.

Em consequência, o Brasil passa por um processo acentuado de seca e desertificação, não só na região Nordeste, mas também em partes do Pantanal, no norte do estado do Rio de Janeiro e na região Sul do país. No total, cerca de 1,3 milhão de km², ou seja, 15% do território nacional possui, hoje, territórios já desertificados e/ou com elevado risco de desertificação.

Na região Nordeste, estima-se que cerca de 230 mil km² já estejam desertificados, uma área superior à do estado do Ceará. Dentre os estados nordestinos que mais sofrem com a desertificação destaca-se o Piauí, onde cerca 71% do espaço agrário já está tomado por áreas degradadas e inférteis, inadequadas para o plantio.

Na região Sul, esse processo também é grave, porém, como ocorre em uma região de clima úmido, com precipitações anuais em torno de 1.400 mm, dá-se o nome de arenização. Isso porque, sobretudo na área da campanha gaúcha, localizada no Rio Grande do Sul, os solos são extremamente arenosos, pobres em nutrientes e com partículas de baixa coesão.

Com respeito ao Pantanal, Alexandre Pires, diretor de Combate à Desertificação do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), afirma que, com base em dados do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCT), há “o surgimento de um clima subúmido seco, fora do polígono tradicional histórico do Semiárido, que é no sul mato-grossense, abrangendo o Pantanal, e também a região do norte do Rio de Janeiro”.

Também muito grave: atualmente cerca de 23% de toda a água disponível no país se concentra em áreas construídas de armazenamento, a maioria delas na Mata Atlântica. Uma situação preocupante quando se analisam os corpos hídricos naturais, cuja superfície encolheu 30,8% em 2023, em relação a 1985. Metade das bacias hidrográficas do Brasil estavam abaixo da média no ano passado.

CADA BIOMA UM DESTINO?

Cada bioma experimenta formas distintas de agravamento dos eventos climáticos extremos, como a seca do final de 2023 na região Norte e as cheias no Rio Grande do Sul, no final de abril de 2024, e os incêndios no Pantanal, nos últimos anos. Isso exige, segundo Pires, uma atenção especial a um bioma em momento de crise, porém sem acudir a um em detrimento de outro, já que os biomas existem e coexistem em dependência uns dos outros.

Ou seja, “a Amazônia depende da Caatinga, que depende do Cerrado, que depende do Pantanal, que depende da Mata Atlântica, que depende dos Pampas, e requerem todos, de forma igualitária e com o mesmo cuidado, a atenção do Estado e da sociedade”, diz o Diretor.

Entretanto, segundo ele, há uma realidade específica, comprovada de forma inequívoca por estudos e pela ciência: as águas do Brasil como um todo estão secando, mas há áreas específicas que já apresentam sinais visíveis de um processo de desertificação e, para essas áreas, o governo precisa executar ações urgentes e diferenciadas como, por exemplo, campanhas de combate à desertificação ou ações de prevenção das estiagens extremas.

O BIOMA MAIS SECO DO BRASIL

O bioma mais seco do Brasil é a Caatinga. Único bioma exclusivamente brasileiro, também conhecido por “Mata Branca” (cujas folhas caem no período da seca), conforme a etimologia Tupi, a Caatinga vive, há séculos, um processo de desertificação, recentemente agravado pela ação antrópica sobre o Semiárido brasileiro.

Localizada na região Nordeste, a Caatinga ocupa uma área de cerca de 862.818 km², o equivalente a 70% da região Nordeste e 10,1% do território nacional (IBGE, 2019), abrange Alagoas, Bahia, Ceará, parte do Maranhão, Paraíba, Pernambuco,

Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e o norte de Minas Gerais, onde vivem cerca de 27 milhões de pessoas.

Rica em biodiversidade, a Caatinga abriga 4.963 espécies de plantas, sendo conhecido o estado de conservação de apenas 827 espécies (17% do total) e sabe-se que 30,1% destas encontram-se sob alguma categoria de ameaça de extinção (Flora do Brasil - 2021).

Com relação às espécies da fauna, de um total de 1.182 espécies avaliadas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) em 2018, 125 delas, 10,57% do total, encontram-se em alguma categoria de ameaça de extinção: Criticamente em Perigo (CR); Em Perigo (EN); ou vulnerável (VU), conforme o Mapa de Categorias Extintas na Natureza (EW).

Além de fenômenos naturais, ocorridos secularmente na Caatinga, a ação humana predadora, como as queimadas, o desmatamento e a agricultura intensiva têm sido decisivos para provocar ou acelerar a desertificação, praticamente por todo o século XX e nessas primeiras décadas do século XXI.

Portanto, a conservação da Caatinga está intimamente associada ao combate à desertificação, processo de degradação ambiental

que ocorre em áreas áridas, semiáridas e subúmidas secas. No Brasil, 62% das áreas suscetíveis à desertificação estão em zonas originalmente ocupadas pela vegetação da Caatinga, sendo que muitas já estão bastante alteradas.

Em que pese esse quadro crítico, somente cerca de 9% do bioma estão cobertos por Unidades de Conservação, sendo que pouco mais de 2% por Unidades de Proteção Integral (como Parques, Reservas Biológicas e Estações Ecológicas), que são as mais restritivas à intervenção humana.

No panorama internacional, a Caatinga está diretamente relacionada às três principais Convenções de Meio Ambiente, no âmbito das Nações Unidas: a Convenção de Diversidade Biológica (CDB), a Convenção de Combate à Desertificação (CCD) e a Convenção de Mudanças Climáticas.

Segundo o diretor Alexandre Pires, do MMA, esse contexto pode ajudar na conservação e no uso sustentável do bioma, sobretudo por meio da união de esforços das instituições responsáveis pela implementação dessas Convenções no país, em especial as Secretarias de Biodiversidade e de Relações Internacionais do MMA, e suas parcerias nas esferas governamental e não governamental.

O CICLO DE DEGRADAÇÃO DA CAATINGA

Em grande parte, a simbologia da Caatinga como um território seco e íngreme foi consolidada na cultura popular pela epopeia clássica de Euclides da Cunha em “Os Sertões”.

No livro, o autor elabora um detalhamento minucioso das características do Semiárido brasileiro, mostrando como as relações humanas e naturais são marcadas pela luta pela sobrevivência e convivência, enraizadas na seca devastadora que caracteriza a região, por muito tempo considerada o “patinho feio dos biomas brasileiros”.

Entretanto, a Caatinga é, segundo o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), o bioma mais eficiente no sequestro de Carbono no Brasil, o que contribui na regulação do clima, na qualidade do ar, no controle da erosão e perda do solo. A Caatinga contribui, portanto, para a manutenção da saúde do planeta Terra.

Mesmo assim, segundo pesquisas recentes, até 2060, cerca de 40% do território da Caatinga enfrentará um processo de homogeneização de suas comunidades de plantas, e os animais do bioma, especialmente os mamíferos, correm sérios riscos de extinção.



Foto: Divulgação/ Diego Sergio



Foto: Divulgação/Roberta Guimarães/ ASA Brasil

As mudanças climáticas, aceleradas pelos processos civilizatórios desenfreados e pelas escassas políticas de mitigação de seus efeitos, aumentam as expectativas de que, infelizmente, esse processo só irá se expandir, atingindo toda a população, porém, alerta Alexandre Pires, principalmente e com maior proporção as comunidades tradicionais.

De acordo com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) do Governo Federal, nos últimos anos houve a ampliação do clima semiárido sobre o clima subúmido seco da ordem de 370 mil km² e o surgimento de uma região de clima árido com área de aproximadamente 6 mil km² em 6 municípios da Bahia e 2 municípios de Pernambuco.

A crescente desertificação da Caatinga é especialmente preocupante uma vez que, dentro do contexto atual, os recursos hídricos já não são suficientes. Segundo informações postadas no site do Instituto Nacional do Semiárido (INSA), “no Semiárido brasileiro, a oferta de água para usos múltiplos está aquém da sua demanda”.

Com o solo seco, a terra perde umidade, a temperatura esquentada,

a chuva escasseia e o território se desertifica. Ou seja, nas áreas de solo degradado, o clima fica árido. Sob essas condições, que se agravam pela ação antrópica do corte da vegetação e pela cultura dos monocultivos, a Caatinga vai tendo cada vez mais dificuldade em realizar seu próprio processo de regeneração.

“Estamos falando de um processo ambiental que afeta principalmente a população camponesa e, dessa população, principalmente, as mulheres. São as mulheres que vão buscar água em lugares mais longínquos, ou porque têm uma dependência dos serviços públicos de distribuição de água, como é o caso dos carros-pipa, ou porque, de fato, não conseguem garantir a produção de alimentos para suas famílias”, conclui o Diretor.

LIÇÕES DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Paradoxalmente, é dos povos da Caatinga que vêm os melhores exemplos de como conviver com o Semiárido. Com seus 27 milhões de habitantes, a Caatinga é um território densamente povoado por comunidades e povos tradicionais que, segundo

Pires, praticam a agricultura familiar de forma sustentável em pequenos núcleos rurais e em assentamentos da reforma agrária.

Por ter que viver em um bioma com cerca de 80% de seus ecossistemas originais alterados, principalmente por meio de desmatamentos e queimadas, em um processo de ocupação que começou nos tempos do Brasil colônia, os povos da Caatinga tiveram que desenvolver suas próprias técnicas de sobrevivência no Semiárido.

Para Alexandre Pires, um dos grandes e inspiradores exemplos de luta pela regeneração da Caatinga e de convivência com o Semiárido encontra-se na Articulação do Semiárido, a ASA, que, na convivência com os povos e comunidades tradicionais do bioma, desenvolveram “uma série de instrumentos e práticas sustentáveis que foram sistematizadas e se tornaram tecnologias sociais”.

Segundo ele, são essas tecnologias sociais simples, adaptadas à realidade local como, por exemplo, a construção de barragens com o uso de pedras, para conter as águas dos pequenos riachos nos períodos de chuva, que permitem aos povos do Semiárido enfrentar o efeito da degradação da

Caatinga pela devastadora ação humana e pelas mudanças climáticas.

No caso das barragens, Pires explica que quanto mais tempo a água permanece num determinado ambiente, mais se infiltra no solo, mais reabastece os lençóis freáticos, mais umidifica o ar e mais consegue reduzir os efeitos da seca na região. “Essa é uma prática que as famílias e comunidades já fazem, ao mesmo tempo em que fazem o manejo da vegetação e dos animais, produzindo, por exemplo, o mel, para melhorar a economia familiar e reforçar a segurança alimentar”.

O PROJETO 1 MILHÃO DE CISTERNAS (P1MC)

Um dos projetos mais conhecidos e mais bem sucedidos sobre a convivência em áreas de semiárido é o Projeto 1 Milhão de Cisternas (P1MC), idealizado e executado, desde o início dos anos 2000, pela Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), nos estados do Nordeste brasileiro.

A ASA é, conforme seus registros institucionais, uma articulação de organizações da sociedade civil (ambientalistas, sindicatos e grupos

comunitários de base e de igreja) que trabalham para construir a viabilidade de uma existência digna e saudável para as pessoas que vivem e trabalham no Semiárido brasileiro.

Naidison de Quintella Baptista, Coordenador Nacional da ASA, militante do Movimento de Organização Comunitária (MOC), baiano de Salvador, com formação na Universidade Católica de Salvador, Universidade Gregoriana de Roma e Instituto Litúrgico de Trier, na Alemanha, fala da importância do principal projeto da ASA, o P1MC, para as populações que vivem na Caatinga:

Somos uma colcha de retalhos. A Asa se espalha pelos estados do Nordeste e atua de acordo com a realidade de cada um. Na Paraíba, por exemplo, há grupos que trabalham com sementes nativas, outros que desenvolvem fundos solidários rotativos; na Bahia, há trabalhos com educação contextualizada. Em cada estado, temos uma coordenação eleita e, em nível nacional, uma coordenação executiva.

O P1MC constrói cisternas para as famílias que vivem em regiões de seca, com recursos de doações ou do Governo Federal. As cisternas

são reservatórios de cimento, com capacidade para captar 16 mil litros cada, suficientes para uma família beber e cozinhar durante 10 meses, o que garante que a família tenha sempre acesso à água de qualidade, até as chuvas voltarem para o sertão.

Além da garantia de água boa para as famílias, segundo Naidison, o P1MC cumpre também um papel aglutinador, porque, ao requerer o envolvimento da comunidade na própria edificação da obra e na qualificação das pessoas para o uso dessas cisternas, o projeto forma consciências sobre a importância de se adotar uma cultura de zelar pelo estoque de água, armazenada nas cisternas, e de se manter uma convivência saudável com o Semiárido.

Nas últimas décadas, a ASA estima que o P1MC construiu cerca de 288 mil cisternas, mas, segundo Naidison, elas podem chegar a 340 mil, “porque há outras, financiadas pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), que seguem a mesma metodologia”. São, portanto, milhares de famílias vivendo com água potável nas áreas mais afetadas pela seca no Brasil.

O projeto foi premiado como uma das 100 Experiências Sociais Inova-





Foto: Divulgação / Fundo Malala

doras do Brasil (2001), ficou em segundo lugar no Prêmio Internacional de Política para o Futuro, do *World Future Council*, e se tornou política pública a partir do primeiro governo Lula, em 2003, respeitando os três princípios básicos para o seu sucesso:

- ✓ Descentralizar a água, espalhando múltiplas cisternas pelas comunidades, em vez de concentrá-la em açudes e propriedades privadas;
- ✓ Democratizar o processo, tornando as famílias gestoras de seus próprios recursos; aumentar a frequência escolar; diminuir a incidência de doenças causadas pelo consumo de água contaminada; e, tão importante quanto,
- ✓ Diminuir a sobrecarga de trabalho das mulheres.

Mas, segundo Naidison, ainda que o projeto seja um sucesso, a ASA sabe que tem muita luta pela frente, para construir todas as cisternas de que o Nordeste precisa: “Hoje, mesmo adotando a cultura do não desperdício,

precisaríamos construir 1 milhão e 250 mil cisternas, com o mesmo padrão das já existentes, para atender a toda a população que sofre com a seca no Nordeste”.

Neste momento em que o Brasil inteiro seca e enfrenta sinais de desertificação nos Pampas, no norte de Minas Gerais, no norte do Rio de Janeiro e no Pantanal, talvez seja a hora de o povo brasileiro aprender as lições de convivência com o Semiárido, testadas pela ASA com o P1MC.

EDUCAÇÃO, SOLIDARIEDADE E COOPERAÇÃO

Mestras da convivência no Semiárido são também as comunidades quilombolas, como é o exemplo da comunidade de Conceição das Crioulas no interior de Pernambuco, onde vive e trabalha a educadora Givânia Maria da Silva, “mulher negra, nascida e criada no Quilombo, no sertão, no Semiárido, no bioma Caatinga”, segundo ela própria.

Durante muitos anos, décadas e séculos, os quilombos do sertão,

como o de Conceição, tiveram que aprender a conviver e a florescer dentro do contexto do Semiárido. Nesse tempo todo, para viver bem em um lugar que tem tão pouco, as comunidades aprenderam e praticaram importantíssimas lições, tão em falta e tão necessárias neste mundo flagelado pelas mudanças climáticas: a solidariedade, a cooperação e o fortalecimento dos laços familiares.

Com base em sua própria história de vida como mulher quilombola de Conceição das Crioulas, em entrevista à *Revista Xapuri*, Givânia, que é cofundadora da Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), define a educação e a disseminação de conhecimento como ferramentas fundamentais para a convivência com o Semiárido.

Professora desde os 18 anos de idade, por onde passa Givânia compartilha os aprendizados e os saberes necessários para se conviver com a dureza da seca na Caatinga. Ela também dissemina conhecimento sobre as ferramentas essenciais para que os



povos do Semiárido, principalmente as mulheres, tenham condições de alcançar uma vida melhor. E ressalta:

Eu falo não com alegria, mas com tristeza, que fui a primeira pessoa desse território quilombola a frequentar uma universidade. Apenas em 1993, meu povo viu uma filha sua fazer um curso superior. Embora hoje tenhamos alguns avanços nessa área, ainda falta muita coisa, como por exemplo garantir que as pessoas negras e quilombolas não só entrem, mas tenham condições de permanecer nas universidades.

Militante, Givânia, que se tornou mestra em educação e doutora em sociologia pela Universidade de Brasília, exerceu mandato de vereadora em Conceição das Crioulas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e hoje coordena a Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas, da CONAQ, que conduz o processo de formação de professores e professoras quilombolas.

Givânia explica:

Nossas comunidades tradicionais têm uma relação diferenciada com o território, porque o território não é só um espaço de ocupação, não

é só uma terra mensurável, mas é, sobretudo, os modos de vida, os modos de pensar, os modos de ver o mundo. Nós reconhecemos o território como um espaço sagrado, onde é possível produzir seu sustento de forma saudável sem destruir o meio ambiente. O que nos falta é uma política pública voltada para mais investimento em uma educação diferenciada, conforme os nossos valores, que nos traga mais informações sobre a Caatinga, sobre o meio ambiente e sobre as mudanças climáticas. A gente não conhece muito sobre a Caatinga [e] a gente não valoriza o que a gente não conhece, não é mesmo?" Portanto, queremos uma educação que não seja a clássica educação bancária, mas que seja uma educação que seja sobre o território, no território e com o território. É com essa educação que poderemos lutar com mais forças para que o semiárido da Caatinga não se transforme de vez em um deserto.

Conceição das Crioulas, a comunidade de Givânia, é um patrimônio histórico e cultural do Brasil, com mais de dois séculos de convivência com o

Semiárido, onde hoje vivem aproximadamente 750 famílias. O nome se deve às conquistas realizadas pelas mulheres fundadoras da comunidade, que superaram imensas barreiras para adquirir seu pedaço de chão e exemplificam a tamanha importância das mulheres, que são as grandes heroínas do sertão brasileiro.

Histórias como as de Naidison e Givânia, seres humanos extraordinários, exemplos de vidas dedicadas à resistência na Caatinga, ele mestre, ela mestra na convivência com o Semiárido, nos transmitem lições valiosas que precisam ser conhecidas por todos e todas nós que vivemos em um Brasil e em um planeta que está ficando cada vez mais seco.



Eduardo Pereira - Sociólogo. Produtor Cultural. Redator da Revista Xapuri.

Esta matéria não seria possível sem a contribuição generosa de **Alexandre Henrique Bezerra Pires** - Diretor do Departamento de Combate à Desertificação - Secretaria Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais e Desenvolvimento Rural Sustentável - Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), a quem agradecemos pela entrevista, pelas informações valiosas sobre os trabalhos de **Naidison e Givânia**.



Foto: Divulgação

VERGATEZA: O VIAGRA DO CERRADO

Romulo Andrade

Na força de uma Lua nova, estudar mais pra
conhecer certos segredos da mãe Natureza:

Essa flor branca, de plantinha rasteira
e raiz profunda que quem 'limpa o terreno'
passa a enxada (aprendi com seu Dedé,
raizeiro de São Jorge, desde menino
estudioso da farmácia viva/
dos fármacos do Sertão):
é conhecida como vergateza.
O nome já revela sua virtude.
Com a atual devastação... quase desaparecida!
Ah... se eles soubessem...
É o viagra do Cerrado.



Romulo Andrade -
Professor. Escritor.
Poeta. Artista Plástico.



VIA SATÉLITE: UMA VIAGEM À CULINÁRIA DOS SONHOS

Quer fazer agora mesmo uma viagem à culinária dos sonhos? O Sindicato dos Bancários acaba de facilitar as coisas pra você. Inauguramos (no dia 8 de agosto), aqui na sede do Sindicato, o restaurante Via Satélite, com pratos típicos de todos os biomas brasileiros.

É isso mesmo. Daqui por diante, você não precisa viajar milhares de quilômetros, nem pagar caro, para provar as delícias de um prato típico da Amazônia, do Cerrado, da Caatinga, da Mata Atlântica, do Pantanal ou mesmo dos longínquos Pampas.

Estando em Brasília, basta chegar aqui na EON 314/315 Sul, para tomar um café da manhã, almoçar ou fazer aquele lanche da tarde, todos os dias, de segunda a sexta-feira, tudo preparado com amor pelo Chef Edson Leite, e receber o atendimento cari-

nhoso de Adélia Rodrigues, gestora da Gastronomia Periférica, nossa empresa parceira nesta empreitada.

Essa é uma oportunidade única de você experimentar as delícias de uma culinária saborosa e diversa, ao mesmo tempo em que apoia o nosso projeto pedagógico e social de um restaurante-escola voltado para a capacitação em gastronomia de jovens que residem nas áreas periféricas de Brasília.

O SONHO REALIZADO

O projeto nasceu um ano atrás, com a ideia de a gente ter um espaço gastronômico que pudesse atender as pessoas que visitam o Teatro dos Bancários. Então, fizemos uma pesquisa, em busca de uma parceria que pudesse ter o cunho socioambiental,

o cunho de distribuição de renda, e que contribuísse para a formação das pessoas, especialmente de jovens.

Nessa busca, descobrimos o projeto da Gastronomia Periférica, e eu visitei o Restaurante da Quebrada [restaurante-escola da empresa em São Paulo]. Desde então, já faz um ano que estamos nessa luta. Felizmente, fizemos aqui no Sindicato o primeiro treinamento dos alunos e alunas, que já estão na ativa, e estamos agora trabalhando para treinar 50 novos profissionais.

O resultado desse esforço aqui está: um restaurante ambientalmente sustentável, com pratos que utilizam produtos locais da temporada, orgânicos e frescos, servindo, com amor, uma comida saborosa e gerando empregos para pessoas das comunidades periféricas de Brasília.

O CARDÁPIO

Criado em torno dos seis biomas brasileiros: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal, o cardápio do Via Satélite exemplifica, segundo Adélia, não somente os dotes culinários da talentosa equipe das cidades-satélites de Brasília, mas também representa a imensa diversidade e beleza de deliciosos sabores que se encontram somente no Brasil. Confira o Cardápio do Dia da Inauguração:

COMBO AMAZÔNIA

Bolinho de Pirarucu
Caldeirada de Pirarucu:
acompanha arroz branco
e salada de feijão
Mousse de Cupuaçu

COMBO CAATINGA

Salada nordestina
Vatapá com arroz,
farofa e vinagrete
Mungunzá

COMBO CERRADO

Galinhada com pequi
Doce de leite com
castanha de baru

COMBO MATA ATLÂNTICA

Dadinho de tapioca Moqueca
de banana Cocada cremosa

COMBO PAMPAS

Chips de batata doce
Arroz carreteiro Ambrosia

COMBO PANTANAL

Caldinho de abóbora Macar-
rão de comitiva Furrundum

QUEM VISITOU, GOSTOU!

"Este restaurante está sendo gerido por pessoas periféricas, portanto cumpre com um princípio extremamente importante da economia solidária, que é a inclusão socioproductiva das pessoas. Com essa iniciativa, o Sindicato dos Bancários contribui para fortalecer a economia solidária e, dessa forma, enriquece também todo o Distrito Federal." **Kelly Quirino.**

"A iniciativa do Sindicato dos Bancários de criar um restaurante-es-



Foto: Eduardo Pereira

cola é fundamental e vai ser muito importante para a população de todo o DF. Além da comida ser uma delícia, vai gerar a criação de uma série de oportunidades para a nossa população. É mais um projeto muito importante, patrocinado pelo Sindicato dos Bancários. Estão de parabéns toda a direção do Sindicato, todos os bancários, todas as bancárias, e todas as pessoas que apoiarem o Via Satélite." **Marivaldo Pereira.**

referência em atuar em áreas que muitos sindicatos pelo Brasil afora ainda não atuam, que é na geração de trabalho, na geração de renda. A iniciativa gastronômica e periférica traz para nós a certeza de um salto de qualidade na vida do Sindicato, na vida dos Bancários e na vida do Distrito Federal." **Niro Barrios.**



"Mais uma vez, o Sindicato dos Bancários aqui de Brasília se torna uma



Fotos: Acervo Altair Sales Barbosa

UMA FLORESTA QUE VIROU PEDRA

Altair Sales Barbosa

Durante o Período Geológico denominado Permiano, que teve seu início por volta de 286 milhões de anos Antes do Presente e seu final data de 245 milhões A.P., uma grande bacia de sedimentação geológica se formou numa parte interiorana das terras emersas daquela época.

Essa bacia de sedimentação recebe hoje em dia a denominação de Maranhão Parnaíba e engloba áreas que correspondem atualmente desde

o norte do estado de Goiás, Tocantins, Maranhão e Piauí, até áreas da plataforma continental, situadas próximas ao Delta do Parnaíba e Ilha do Marajó e se restringe principalmente entre as sub-bacias hidrográficas dos rios Tocantins, Araguaia e Parnaíba.

A Geografia da época era caracterizada pela existência de grandes lagos de água rasa, alguns de água doce, outros de água salgada, margeados por terrenos variados, incluindo

cascalheiras. Uma grande floresta de samambaias gigantes, pertencentes ao gênero *Psaronius*, era a cobertura vegetal mais comum e dominante.

Ainda não haviam surgido no Planeta Terra as plantas com flores denominadas angiospermas, tampouco os insetos. Fato que aconteceria no Período Cretáceo, da Era Mesozoica, cem milhões de anos depois.

Essa geografia decorre das modificações derivadas de grandes



movimentações das placas tectônicas que empurram o continente da Gondwana em direção ao norte, onde vai colidir com o continente denominado Laurásia.

Quase na mesma época, há colisões entre os continentes Siberiano, Cazaquistânia e Báltico, cuja concretização acontece no Permiano. Nessa época, a colisão desses continentes vai dar origem à formação do continente Pangeia e a um único e enorme oceano chamado Panthalasa, que cobria a Terra de polo a polo.

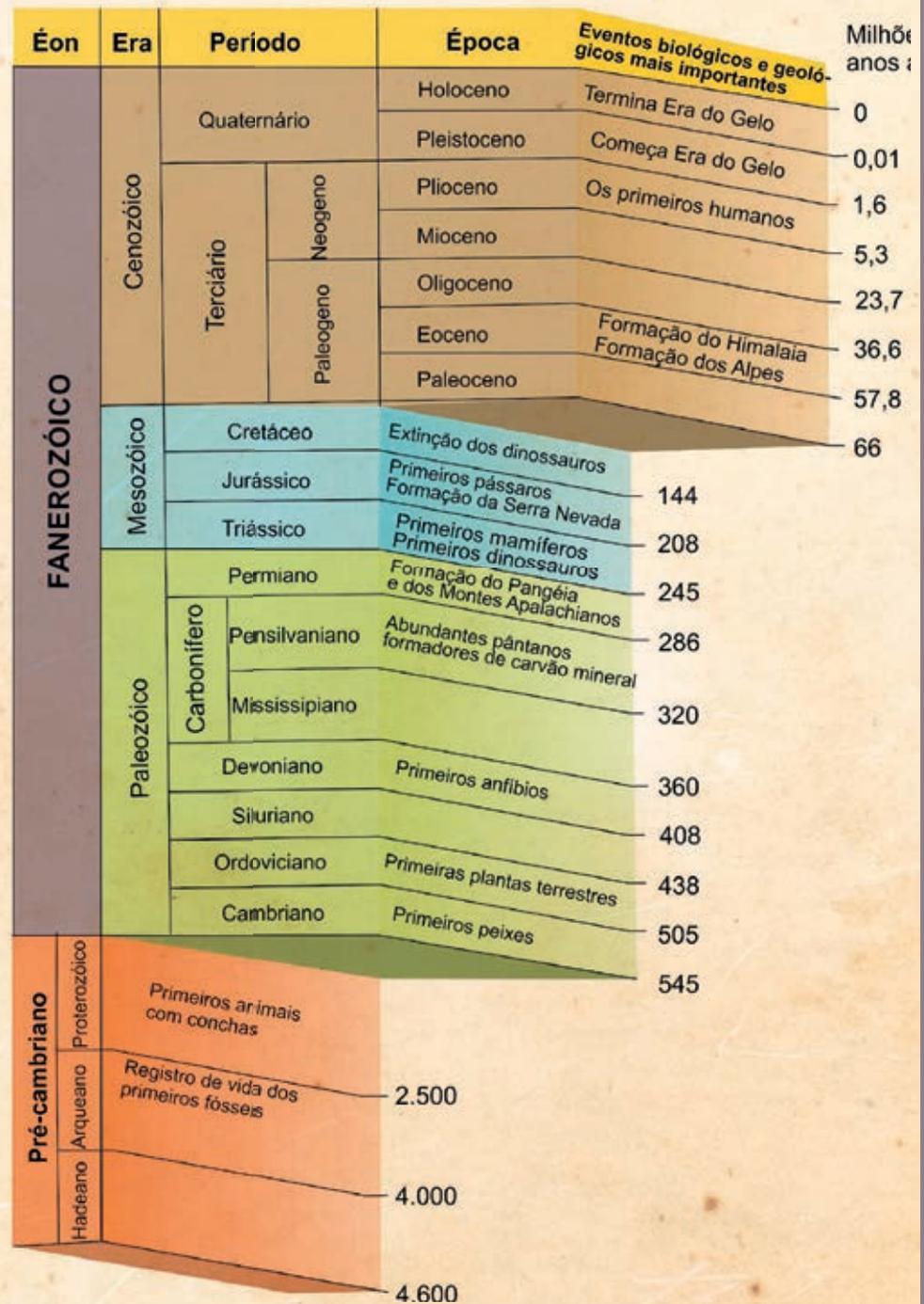
Com o passar do tempo, a floresta de gigantescas samambaias é soterrada e fossilizada, juntamente com outras formas de vida existentes à época, dando origem a uma formação geológica denominada Pedra de Fogo.

Nos trabalhos realizados por nós na área desde 1996, além da imensa quantidade de árvores petrificadas, encontramos também exemplares de moluscos, pequenos répteis e raros exemplares de peixes. Entretanto, os trabalhos centrados no município de Tupiratins (TO) permitiram o conhecimento mais profundo dos processos de sedimentação ocorridos na região.

Trata-se de uma formação caracterizada por sedimentação cíclica. Cada ciclo é constituído da base para o topo, por arenitos amarelados, siltitos, calcários oolíticos e folhelhos esverdeados com lentes de calcário. A formação também se caracteriza pela grande frequência de camadas de sílex que constituem a "pedra-de-fogo" que indiretamente deu nome à Formação.

Hoje, na área outrora dominada pelas gigantescas samambaias, floresceram as plantas cientificamente conhecidas como angiospermas, embora a exata filogenia, ou seja, a história evolutiva completa, seja desconhecida, os pesquisadores suspeitam que as angiospermas surgiram a partir das gimnospermas e que, por processos evolutivos e adaptativos, deram origem as plantas do Cerrado, que até bem pouco tempo dominavam as paisagens vegetais existentes na região.

As angiospermas são uma das mais bem sucedidas experiências



evolutivas. Desde o seu surgimento, vieram a existir mais de 250 mil espécies, das quais cerca de 200 mil sobrevivem. Além disso, seu êxito favoreceu o sucesso de animais, como os insetos, que se alimentam do seu néctar, ou os herbívoros, que as comem diariamente.

Para entender todo esse processo, torna-se necessário ressaltar que o estudo da litosfera ou a esfera rochosa que envolve o Planeta Terra, desde o assoalho dos oceanos até o

pico das altas montanhas, é objeto de estudo da Geologia, mas exige conceitos expostos sobre a atmosfera e a hidrosfera, para entender a Terra como um planeta dinâmico.

A leitura da litosfera nos conduz num primeiro momento a um caminho uniforme semelhante a um grande relógio, que mostra o tempo geológico, sua história e sua configuração, o tempo da história do tempo e como se configura este tempo ao longo dos tempos.



A geologia é uma das ciências que muito contribuíram para revolucionar o conhecimento humano, não só através da explicitação da teoria da tectônica de placas, que demonstra os fenômenos de maneira sistêmica, mas principalmente porque tem ajudado a mudar a concepção sobre o tempo, associado à ocorrência de determinados fenômenos.

A maior parte das pessoas tem dificuldades em entender o tempo geológico e a gênese e desenvolvimento de determinados processos, porque veem o tempo na perspectiva da existência humana.

No sentido desse entendimento, a geologia trabalha com as noções de tempo relativo e tempo absoluto. O tempo relativo é aquele que caracteriza a relação entre os eventos, ou seja, se tais eventos foram antecessores ou predecessores de outros. Já a datação absoluta fornece datas específicas para unidades rochosas ou eventos. Essas datas são expressas em anos, tendo sempre como base a data de 1950.

Para as datações absolutas de rochas são utilizados métodos baseados na desintegração radioativa de alguns componentes destas. O método Carbono 14, muito conhecido, tem os mesmos princípios. Entretanto, é somente usado em elementos orgânicos, ou de origem orgânica, por isso é seguro até o parâmetro de 50 mil anos.

Após várias tentativas, foi criada uma escala do tempo geológico, cujas camadas foram definidas pela composição mineralógica, correlação entre as rochas e pela composição fossilífera.

Trata-se de uma escala hierárquica, em que de modo geral os eventos mais antigos estão nos depósitos inferiores e os eventos mais modernos nos depósitos mais recentes. Entretanto, nem sempre a escala se apresenta uniforme, acontecimentos posteriores provocam dobramentos de camadas, diques vulcânicos, orogenismo e outros fatores que têm contribuído para o que se denomina deformação de camadas.

Nessa escala hierárquica, a história da Terra é dividida em unidades de tempo variável. Também não foi desenvolvida só por uma pessoa, mas por vários estudiosos que conseguiram hierarquizar os acontecimentos, sem ainda poderem usar as datações absolutas, porque estas ainda não existiam. Portanto, a escala foi sendo construída ao longo do tempo, baseando-se principalmente no princípio de sucessão das rochas sedimentares.

Após a descoberta da radiatividade, quase no final do século XIX, as datações radiométricas foram acrescentadas à escala do tempo geológico. Mas o problema

não foi contornado, pois a maioria das rochas sedimentares não pode ser datada radiometricamente nas intercalações de outros tipos de rochas e, dessa forma, foi paulatinamente construída, através de variadas correlações, a escala temporal que se usa atualmente.



Altair Sales Barbosa - Dr. em Antropologia e Geologia do Quaternário pelo Smithsonian Institution, Washington DC. Pesquisador do

CNPq. Pesquisador convidado da UniE-VANGÉLICA de Anápolis. Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*.



Foto: Acervo Altair Sales Barbosa



Foto: Ricardo Stuckert/PR

A RESTAURAÇÃO DOS SILVA

Adair Rocha

Até bem pouco tempo, o sobrenome Silva era sinônimo de ninguém ou o mais comum, até, muitas vezes, evitado por seus portadores, apesar de estar no nome de Tiradentes.

A construção do processo democrático trouxe, simplesmente, para os planos nacional e internacional: Marina Silva e a questão do Meio Ambiente, Benedita da Silva e a discussão do Racismo e a representação do gestor público e Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, portanto, ocupando cadeiras do Senado Federal, da Câmara dos Deputados e da Presidência da República, mais de uma vez, algo iné-

dito para um operário, no processo histórico brasileiro e mundial.

A inversão está feita. Silva vai pras cabeças. Pais e parentes o usam com orgulho.

Nesse bonde, emergem das Favelas e das periferias, também com acesso às Universidades, o reconhecimento do que se pode chamar dos "novos Intelectuais orgânicos", com Itamar Silva, Marinete (mãe de Marielle), Michel, Eliana, Jailson e o grande Comunicador Comunitário Rene, todas/os Silva.

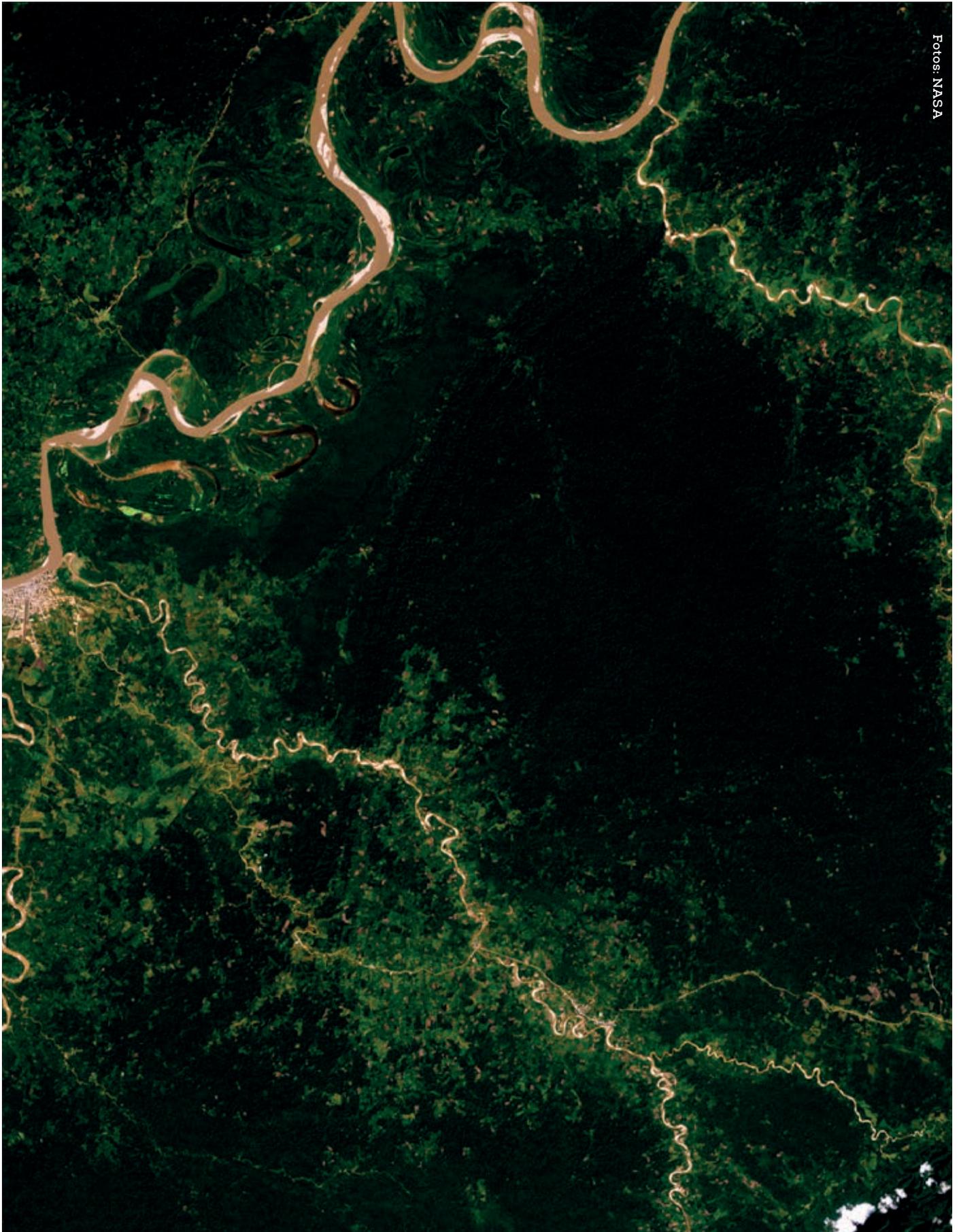
Tal repercussão chega também aos meios de Comunicação, ainda que, historicamente, ignorassem os Silva.

Temos que parabenizar nosso Rene Silva e a VOZ das COMUNIDADES que, a partir de agosto próximo terá um Programa na Rede Globo de Televisão, como Apresentador, exatamente, enaltecendo os "Silva"!

Viva a democracia, no fortalecimento do processo político do acesso, do público e do comum, onde os "Silva" do Brasil se assinam!



Adair Rocha –
Professor Titular da
FCS/ UERJ. Conselheiro
da Revista Xapuri.



Fotos: NASA

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS: TEMA DOMINANTE DO SÉCULO XXI

Emir Sader

Como as alterações climáticas já são o tema dominante no século XXI, compreender então o que o futuro nos reserva é essencial para todos e todas nós. O novo livro de Peter Frankopan – *A História do Mundo – do Big Bang até os dias de hoje* – tem como objetivo olhar para o passado e compreender como a nossa espécie transformou a Terra de tal maneira que nos levou a enfrentar um futuro tão perigoso.

O verão de 2022 deveria ter convencido a todos que algo de estranho está ocorrendo com os sistemas climáticos mundiais. Um exemplo: só em Pequim, a poluição do ar desceu 55%, o que consequentemente acrescentou cerca de 4 anos e meio à esperança média de vida dos habitantes.

Mas há boas razões para se manter o otimismo. Uma transição verde produziria um sistema energético global mais verde, com menos poluição atmosférica e danos climáticos reduzidos. Há novas ideias de como reduzir os danos ao ambiente.

Investigações recentes mostram que aumentar ou reduzir as altitudes de menos de 2% dos voos dos aviões poderia reduzir o impacto ambiental, responsável por 80% dos danos radiativos na atmosfera. Os custos disso seriam mínimos, e calcula-se que aumentaria o consumo de combustível em menos de 0,1%.

Da mesma maneira, estudos sobre a diminuição dos impactos climáticos e as emissões de carbono dos navios sugerem que a redução da velocidade em 10% levaria a uma

redução das emissões da ordem de 13%, fruto de uma menor exigência ao nível da potência dos motores.

O que significaria que as viagens necessitariam de até 40% menos energia. A redução da velocidade resultaria em menos ruído submarino, o que beneficiaria a vida marítima e melhoraria drasticamente as probabilidades de colisões com baleias, favorecendo assim a biodiversidade marinha. Estes são alguns exemplos de casos em que a investigação de qualidade e o pensamento racional podem ajudar a encontrar soluções rápidas com o potencial de causar diferenças significativas e imediatas.

Estas são as maravilhas da ciência e da investigação científica. Mas este processo pode significar dois passos adiante e um atrás. Usar alternativas aos combustíveis fósseis pode causar uma maior pressão sobre diferentes recursos.

A transição para energias renováveis, por exemplo, não deve esquecer que para produzir um quarto de energia global seria preciso, no mínimo, cerca de 450 milhões de toneladas métricas de aço, o que por sua vez exigiria o equivalente em combustíveis fósseis a mais de 600 milhões de toneladas métricas de carvão.

Da mesma forma, a mudança para os veículos elétricos em muitos países não pode nos fazer esquecer que esses veículos precisam ser carregados e sobrecarregados, o que aumenta a procura de eletricidade e produz elevados níveis de poluição.

É preciso levar em conta a rápida queda da natalidade na maior parte do mundo desenvolvido em decisões que podem mudar substancialmente à medida que os níveis populacionais diminuem em todo o mundo. A diminuição da população levará a menos procura de recursos, menos pressão sobre o meio ambiente e menos necessidades energéticas. As projeções climáticas apoiam-se em suposições de que o progresso vai até 2100 e depois será linear – ou seja, preveem que os fatores e tendências atuais provavelmente se manterão.

Muito se tem discutido sobre a relação entre um mundo cada vez mais quente e a violência, e as disputas por obter mais recursos que se tornam cada vez mais escassos devido ao aquecimento global.

Até 40% das terras do mundo estão degradadas. A esse ritmo, uma área do tamanho da América do Sul ficará degradada até 2050. É claro que a humanidade pode se mostrar capaz de mudar seu estilo de vida e as escolhas que fazemos graças a novas tecnologias e ideias.

Mas vale a pena levar em conta que grande parte da história da humanidade gira em torno da incapacidade de compreendermos ou de nos adaptarmos a mudanças no mundo físico e natural que nos rodeia e de suas consequências.



Emir Sader - Sociólogo.
Cientista político. Membro
do Conselho Editorial da
Revista Xapuri.

CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO: PROJETO BIA DE LIMA ESTABELECE REGRAS DE ATUAÇÃO

A deputada estadual Bia de Lima (PT) apresentou, dia 8 de agosto, o projeto de lei que estabelece normas gerais para criação, funcionamento e atuação dos conselhos municipais de Educação, no estado de Goiás.

Segundo Bia, a iniciativa visa garantir uma gestão educacional de qualidade, alinhada com as diretrizes federais e estadual e adaptada às necessidades específicas de cada município.

Conforme a proposição, a Lei Geral dos Conselhos Municipais de Educação de Goiás tem como finalidade a regulamentação, a criação, a organização, o funcionamento e as atribuições dos Conselhos Municipais de Educação na educação infantil e no ensino fundamental.

A proposição se aplica de forma subsidiária aos municípios que não possuem legislação específica sobre o tema, desde que não contrarie as disposições federais e estaduais vigentes.

De acordo com o projeto, os conselhos são órgãos colegiados com função normativa, deliberativa, consultiva e fiscalizadora do sistema municipal de ensino. A proposta aponta para que as estruturas tenham uma composição mínima de nove membros, respeitando a seguinte proporção: três membros escolhidos pelo Prefeito Municipal; um representante do Poder Legislativo, escolhido entre os servidores da Secretaria Municipal de Educação ou entre os servidores efetivos

do quadro da Câmara Municipal, indicado pela Mesa Diretora; um membro indicado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (Sintego); um representante dos pais de alunos, indicado pelos próprios pais em reunião específica; um representante do Sindicato dos Servidores Públicos municipais, se houver; um representante das escolas de Educação Infantil e ensino fundamental do setor privado; um representante dos diretores de escolas municipais de Educação infantil e ensino fundamental, indicado pelos próprios diretores em reunião específica.

Porém, a composição do Conselho poderá ser ampliada conforme necessidade, para assegurar uma maior diversidade de representantes, de maneira a garantir a efetiva participação da comunidade e o controle social.

Ainda de acordo com Bia de Lima, “a aprovação da lei será um avanço significativo para a melhoria da gestão educacional no estado de Goiás. Com uma estrutura clara, abrangente e adaptável às diversas realidades municipais, buscamos garantir que a educação básica em nosso Estado alcance os mais altos padrões de qualidade e equidade”.

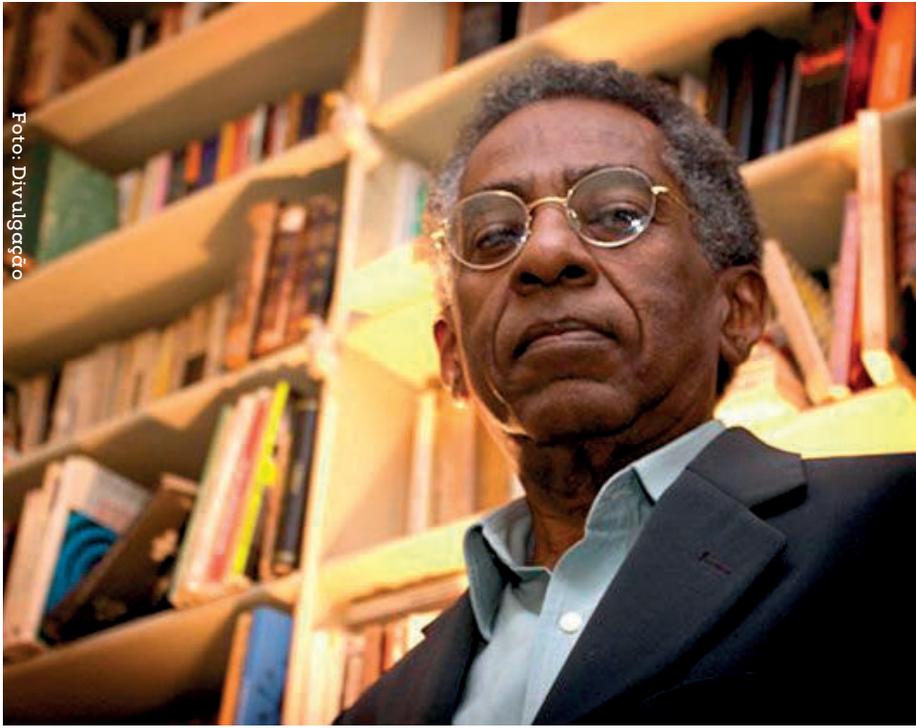
“A legislação proposta assegura um controle social mais efetivo e a participação ativa da comunidade na formulação e no monitoramento das políticas educacionais, alinhando-se com os princípios da Constituição Federal e as diretrizes do Sistema Nacional de Educação”, conclui.



Foto: Divulgação/Aleago

“RACISMO VELADO É CONVERSA PRA BOI DORMIR”

Iêda Leal



Joel Rufino dos Santos – Em boa parte da América o proletariado (classe que vende trabalho) é negro: o negro confere, portanto, a esses países a sua cara. Um exemplo é o Brasil que, para o mundo, ainda tem a cara de Pelé; ou a Colômbia, que tem a cara de García Márquez, um mulato inconfundível. Nos países com população negra minoritária, como Peru, Venezuela, México, a população branca também é minoritária. A população não branca, em geral índia e mestiça, é que dá a cara desses países. Os índios eram chamados “etíopes das Américas” no período colonial, demonstrando a estrutura básica desses países: negros e índios tinham, para os colonizadores, a mesma identidade. Com poucas variações, ainda é assim nos dias de hoje.

O racismo nos EUA foi mais visível do que aquele praticado no Brasil, o racismo velado. De que forma a questão da raça é vista nessas duas sociedades?

Joel Rufino dos Santos – A diferença principal entre o racismo norte-americano e o brasileiro é que o primeiro evoluiu pela segregação e o segundo pela coabitação. Gostamos de acreditar na pouca veemência do racismo brasileiro, mas a longa duração do movimento negro – quase cem anos [em 1970] demonstra a sua veemência. Difícil dizer qual dos dois racismos é mais eficaz. O racismo é uma forma de dominação dos tempos modernos, inaugurada com o tráfico negreiro, e funcionou tanto lá como aqui. O racismo velado brasileiro é, como se dizia antigamente, conversa pra boi dormir.



Iêda Leal – Militante orgânica do Movimento Negro e das lutas do movimento social. Dirigente do MNU, da CNTE, da CUT, do Sinteço. Conselheira da Revista Xapuri.



Nasci, cresci, e vivo, ainda nos dias de hoje, escutando aqui e acolá, que o Brasil é um país de racismo velado. Pra não soltar um palavrão a cada vez que ouço esse argumento, resolvi pesquisar um pouco. Encontrei, em uma coleção antológica da *Revista Caros Amigos* sobre o povo negro no Brasil, publicada nos anos 1970, mais precisamente no fascículo 15 (dos 16 que compõem a coletânea), uma entrevista esclarecedora de Carolina Rosseti com o historiador Joel Rufino dos Santos (1941-2015), onde ele diz, sem meias palavras, que “racismo velado é conversa pra boi dormir”.

Compartilho com vocês excertos dessa entrevista, com a terminologia da época (por exemplo, Rufino usa índios e não indígenas, porque era assim que se dizia no século passado), porque essa entrevista me ajudou a ter uma compreensão melhor da minha ancestralidade e do nosso papel, como povo negro, na história das Américas. Espero que gostem. E que lhes seja útil. Boa Leitura!

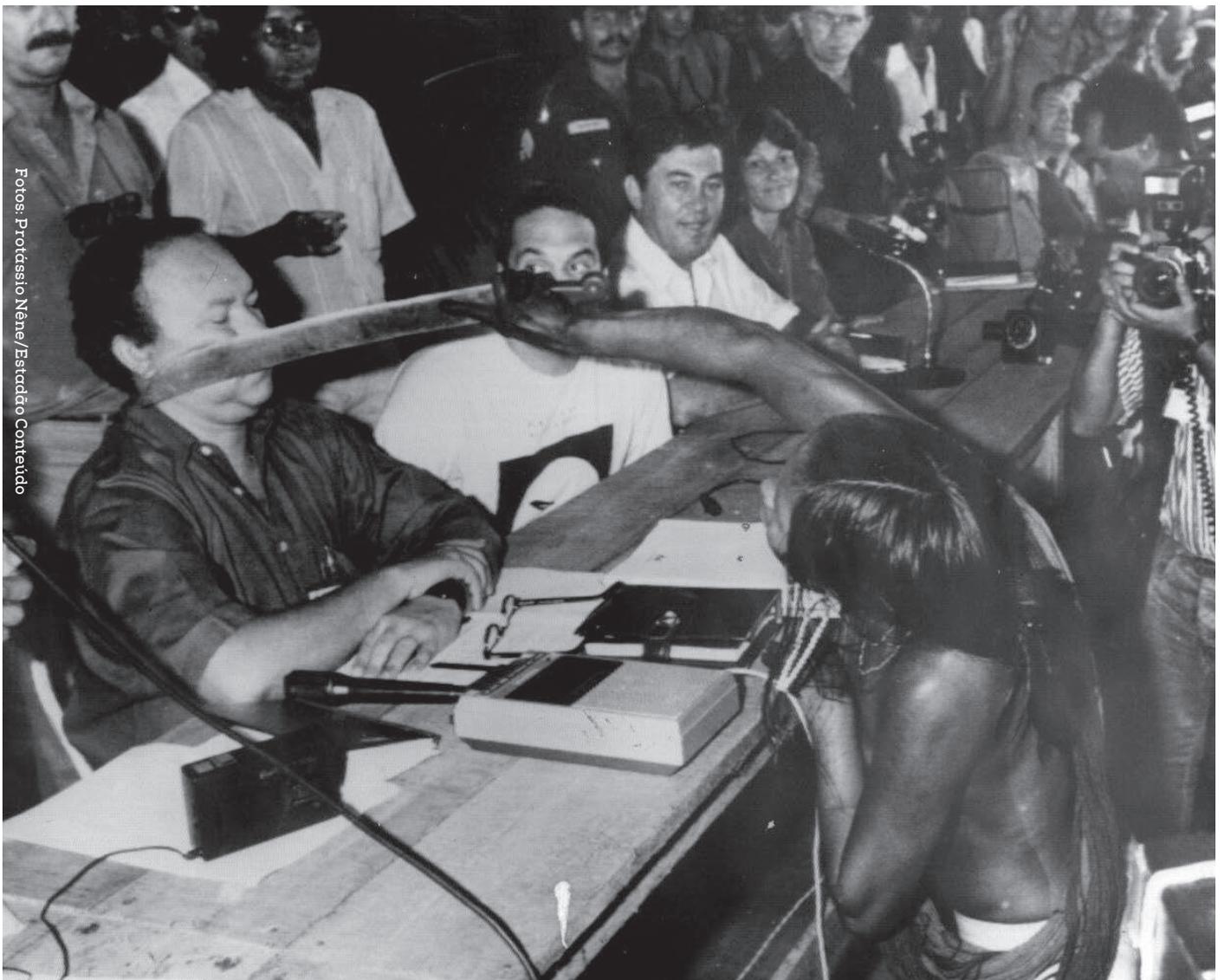
Qual foi o papel dos negros e das negras na construção das Américas?

Joel Rufino dos Santos – As “Américas Negras” é título de um livro de Roger Bastide, sociólogo francês, que ensinou alguns anos na Universidade de São Paulo. Bastide nos fez ver coisas e aspectos que não víamos, ou não queríamos ver. Um exemplo marcante é a negritude de Cruz e Souza, o poeta negro “mais branco do Brasil”, segundo a visão didática. A América toda é negra (variando, naturalmente, de país para país) não apenas pela marca negra nas suas culturas. A colonização da América, como um todo, só foi possível pela exploração da África. Dos Estados Unidos, em larga escala, ao Uruguai, em pequena escala, a mão e alma do [povo] negro fundaram a América.

De que forma os efeitos da Diáspora Negra na América se fazem evidentes na atual situação [anos 1970] econômica, social e política dos países americanos?

TUIRE KAYAPÓ FOI GUERRREAR NO CÉU

— Maria Leticia Marques e Zezé Weiss



Fotos: Profissão Nêne/Estadão Conteúdo



Foto: Alberto César Araújo/ Amazônia Real

Em 21 de fevereiro de 1989, Tuíre Mebêngôkre, jovem liderança feminina do povo Kayapó, então com apenas 19 anos, fez história ao colocar, literalmente, o facão no pescoço do Estado brasileiro, durante o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, em Altamira, no Pará.

Na tensão do momento, Tuíre sentiu que, para defender sua floresta e seu povo contra a construção de Belo Monte, não bastava somente levantar a voz em protesto. Em questão de segundos, Tuíre bradou seu grito de guerra, “Tenotã-mõ!” e encostou a lâmina de seu facão no pescoço do então diretor da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes.

Brava, ante um Lopes estupefato, Tuíre seguiu, então, com seu discurso cortante, em sua própria língua Jê: “Você nasceu na cidade e então veio para cá atacar nossa floresta e nossos rios. Você não vai fazer isso!” O gesto de Tuíre, absolutamente inesperado, con-

seguiu parar a funesta obra de Belo Monte por 22 anos.

Em Altamira, os Kayapó exigiam o fim do projeto de construção da hidrelétrica de Kararaô, posteriormente substituído por Belo Monte. O grande chefe Raoni, também presente no encontro, fechou coro com Tuíre: “A eletricidade não vai nos dar nossa comida. Precisamos que nossos rios fluam livremente. O nosso futuro depende disso. Nós não precisamos de sua represa”, declarou na ocasião.

“BELO MONTE DE MERDA”

A foto de Tuíre com o facão no pescoço do burocrata, captada por repórteres fotográficos que acompanhavam a audiência, virou capa de jornal e revista no mundo inteiro. No Brasil, foi o ponto de largada para o despertar de uma sociedade em grande parte adormecida ante as ameaças dos grandes projetos econômicos, herdados do regime militar

(1964-1985), como as hidrelétricas, para “desenvolver a Amazônia”, que colocam em risco a preservação das florestas e do modo de vida tradicional dos povos originários.

Parte dessa herança nefasta, o projeto de Belo Monte, idealizado durante a ditadura militar, teve que ser engavetado, devido à grande repercussão negativa do protesto de Tuíre, mas foi retomado durante o governo do presidente tucano, Fernando Henrique Cardoso (1995-2003).

Hostilizado entre ambientalistas e entre os povos da floresta como “um belo monte de merda”, o projeto recebeu novos estudos por parte da Eletrobras, então estatal, e das empresas Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa e Norberto Odebrecht, no primeiro mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do PT (2003-2011).

Infelizmente, a batalha de Tuíre e de seu povo contra Belo Monte foi perdida. Em 2011, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Iba-



Foto: Juliana Pesqueira/Anmiga

ma) concedeu a licença para que a construção da usina fosse iniciada.

Para construir Belo Monte, o governo de Dilma Roussef (2011-2016), também petista, passou por cima dos protestos e mobilizações dos povos indígenas, dos povos todos da floresta, de ambientalistas e cientistas, e de sua própria militância, que alertaram, de todas as formas possíveis, para os impactos que a barragem de Belo Monte traria para as populações locais e para o meio ambiente na Amazônia, e construiu a barragem.

Nem FHC, nem Lula, nem Dilma jamais se desculparam pela catastrófica tragédia de Belo Monte. Tuíre, por seu lado, continuou, até o fim de seus dias, na luta para salvar a Amazônia e os povos que nela vivem da sanha asquerosa dos e das que deviam protegê-la, em vez de destruí-la.

MESTRA DA RESISTÊNCIA

Em janeiro de 2020, durante o “Encontro dos Povos Mebengokrê e lideranças indígenas do Brasil”, realizado na Terra Indígena Capoto Jarina, no Mato Grosso, em entrevista concedida à Amazônia Real, Tuíre falou à repórter Juliana Arini (traduzida pela hoje também grande liderança Kayapó, O-é Paiakan), sobre o que ocorreu Altamira: “Eu só queria mostrar a ele o que é opressão. [Eu] estava lá e só ouvia aquele homem branco insistindo em uma fala para construir a hidrelétrica...”

Tivesse participado somente do Encontro de Altamira, Tuíre já teria sido gigante para o movimento indígena brasileiro, para a defesa da Amazônia e para a própria História. Mas não, Tuíre seguiu na resistência.

No encontro de Capoto Jarina, a grande guerreira integrou a mesa

de debate das mulheres indígenas e endossou a Carta das mulheres que, em um de seus trechos dizia: “Enquanto mulheres lideranças e guerreiras, geradoras e protetoras da vida, iremos nos posicionar e lutar contra as questões e as violações que afrontam nossos corpos e nossos territórios”.

Em outra entrevista, dessa vez para a série #ElasQueLutam, do Instituto Socioambiental (ISA), Tuíre disse, esperançosa:

Eu quero que essa floresta que sobrou continue em pé, para que meus netos, meus filhos consigam alimentos sem veneno, sem as coisas que derramam para plantar. Eu quero o fruto que cresce sozinho, que nós comemos e ficamos fortes, felizes e sem doença (...) As florestas, os rios e os povos indígenas: a sobrevivência deles é o que eu defendo até hoje. Eu não quero que matem a pouca terra que restou.

Integrante do povo Mebêngôkre, Tuíre nasceu em 1970, no território Kayapó, na aldeia Kokraimoro, às margens do Rio Xingu, no estado do Pará. Uma das primeiras militantes indígenas mulheres, Tuíre, até o fim de seus dias, protagonizou muitas outras manifestações em defesa da floresta, dos territórios e direitos indígenas. Em uma das suas últimas declarações públicas, ela convocou o país para lutar junto contra o Marco Temporal.

Ao jornal *Brasil de Fato*, declarou:

Nossa vida é a floresta, a Amazônia. Estamos sempre vivendo na floresta, no rio. Nós nos acostumamos a morar dentro da Amazônia, porque a Amazônia está lá nos guiando. Lá nós nos alimentamos bem e não tem doença, nenhuma doença. Por isso o pessoal não pode destruir nossa Amazônia, nossa floresta. Eu não quero. Porque senador vive na cidade, deputado vive na cidade. Eles não moram

dentro da floresta. Nós não, nós vivemos na floresta, na Amazônia. Por isso que eu não quero o Marco Temporal, eu não quero.

TUÍRE KAYAPÓ FOI GUERREAR NO CÉU

Tuíre Mebêngôkre, uma das maiores lideranças indígenas brasileiras de todos os tempos, faleceu longe de sua aldeia, na Terra Indígena Las Casas, no Parque Nacional do Xingu. Depois de enfrentar uma longa batalha contra um câncer de útero, Tuíre ancestralizou na manhã do dia 10 de agosto de 2024, em um hospital de Redenção, no Pará.

O Brasil recebeu a notícia do encantamento de Tuíre por sua sobrinha, O-e Kayapó Paiakan, que a acompanhou no tratamento: “Não queria ter [que dar] essa notícia, mas ela lutou até o fim para não deixar por vencida. Tia Tuíre, grande referência para nós mulheres. Prima do meu pai, Paulinho

Paiakan. Agora estará em outro plano”. Maial, irmã de O-e, filha de Paulinho (levado pelo Covid), também se despediu nas redes sociais: “Que você encontre meu pai e todos os nossos ancestrais”.

Muitas foram as expressões públicas de tristeza pelo encantamento de Tuíre:

Hoje nos despedimos de uma brava guerreira Kayapó. Ancestralizou a gigante Tuíre Kayapó, que ficou amplamente conhecida por uma foto durante o Encontro das Nações Indígenas do Xingu, realizado em Altamira no ano de 1989, em que colocou um facão no pescoço do então diretor da Eletronorte. Mas essa foto representa apenas um entre tantos momentos de sua irretocável trajetória. A guerreira Kayapó era incansável na luta pelos direitos do povo Kayapó, dos povos indígenas de todo o Brasil e na proteção do meio ambiente. Para além da fortaleza que foi Tuíre, porque a vida exigiu



Foto: Juliana Arini/Amazônia Real

que fosse, é assim também que nos lembraremos dela: ecoando seu canto e seu sorriso. Que os ancestrais te recebam, Tuíre. Seguiremos aqui, honrando sua luta.

**Sônia Guajajara –
ministra dos Povos Indígenas**

É com profundo pesar que recebemos a notícia do falecimento de Tuíre Kayapó, uma grande mulher e liderança indígena. Sua força e coragem deixaram uma marca na história do Brasil. Conhecida por sua defesa incansável dos direitos dos povos indígenas e pela proteção das florestas, Tuíre se tornou um símbolo de resistência e luta por justiça, sendo precursora no protagonismo das mulheres indígenas na busca por direitos.

**Joenia Wapichana –
presidenta da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai)**

Uma grande líder nunca morre, apenas muda de lugar. Tuíre carregou a luta desde a base, porque a luta é o quarto poder. Todos que têm coragem de pegar o microfone

e falar, Tuíre também era deputada junto conosco, deputadas eleitas pela luta, porque não somos e nem ocupamos um lugar sozinhas. Seu legado continuará a encorajar nossa voz para denunciar todas as tentativas do Congresso Nacional de nos silenciar e de roubar nossos direitos.

**Célia Xacriabá – Deputada
Federal Indígena (PSOL – MG)**

Sua passagem para outra dimensão nos deixa um vazio imenso, mas também uma responsabilidade ainda maior de continuar sua luta. Seguiremos firmes com a força e o exemplo que você nos deixou, Tuíre.

**Federação dos Povos
Indígenas do Pará (Fepipa)**

É com profundo pesar que recebemos a notícia da partida de Tuíre Kayapó, uma das maiores lideranças indígenas do Brasil. Tuíre foi uma guerreira incansável na defesa de seu povo e da preservação da Amazônia. Sua coragem, eternizada contra Belo Monte, inspirou e continuará a inspirar gerações na luta por justiça e respeito aos povos

originários. Sua ausência deixa um vazio irreparável, mas seu legado permanecerá vivo em cada batalha travada pelos direitos indígenas e pela proteção de nossas terras!

Fundo Puxirum

O Brasil amanhece mais coarado hoje (10/08). Morreu Tuíre Kayapó, protagonista da cena desafiadora do conflito de Belo Monte em 1989. Sua passagem acontece no momento em que os direitos indígenas são ameaçados por uma “conciliação” no STF. Que sua coragem inspire todos nós.

Observatório do Clima



Zezé Weiss – Jornalista.
Editora da Revista Xapuri.



Maria Leticia Marques –
Redatora voluntária para
a Revista Xapuri.

Com informações e imagens da Agência Brasil, Amazônia Real e Brasil de Fato.



Foto: Juliana Arini/Amazônia Real



**"AS PESSOAS NÃO MORREM,
APENAS FICAM ENCANTADAS."
ATHOS PEREIRA DA SILVA: PRESENTE!**



MARGARIDA MARIA ALVES: “DA LUTA EU NÃO FUJO”

— Zezé Weiss

A paraibana arretada, que ainda hoje nos ensina a “nunca fugir da luta”, morreu lutando, no dia 12 de agosto de 1983.

Passava um pouco das 17 horas na comunidade de Alagoa Grande, no Brejo da Paraíba, na Região Imediata de Campina Grande, quando um tiro de escopeta calibre 12, disparado por um pistoleiro a mando do latifúndio, tirou a vida da líder camponesa Margarida Maria Alves, no portão de sua casa, na frente de seu marido e de seu único filho, José de Arimateia, que tinha apenas 8 anos de idade.

Margarida Maria Alves nasceu em 5 de agosto de 1933 e morreu poucos dias depois de completar 50 anos.

Ela lutava pelos direitos básicos dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais, como carteira de trabalho assinada, jornada de trabalho de oito horas, férias e 13º salário. Depois de 12 anos à frente do Sindicato de Alagoa Grande, em seu discurso-denúncia do dia 1º de maio, em Sapé, na Paraíba, Margarida parecia antever o crime político cometido contra ela para calar, de vez, a sua voz.

Entretanto, como por vezes acontece, no lugar do silêncio, o chumbo

que esgarçou o rosto de Margarida fez brotar belas sementes de esplendorosas margaridas, que seguem bordando o campo brasileiro com extraordinários exemplos de luta pela reforma agrária, pela reconstrução do Brasil e pelo bem-viver do povo brasileiro.

Ainda hoje, mais de quatro décadas depois de seu assassinato, “uma mulher camponesa sindicalista, uma grande liderança e uma pessoa que vivenciou importantes transições na igreja e no movimento sindical”, no dizer da historiadora Ana Paula Romão, Margarida Maria Alves



continua inspirando milhares de mulheres brasileiras a lutarem por seus direitos.

São essas mulheres do campo, da floresta e das águas, e muitas também das cidades que, desde 2000, a cada quatro anos, organizam uma grande Marcha, com milhares de mulheres-margaridas vindo a Brasília para defender uma pauta política, construída coletivamente em todos os rincões do Brasil.

Fundadora do Movimento Mulheres do Brejo, do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural junto a Paulo Freire, em sua Paraíba natal, é o exemplo de Margarida Maria Alves, traduzido em seu discurso-denúncia de 01/05/1983, Dia dos Trabalhadores e das Trabalhadoras, que move tantas mulheres para a luta coletiva no Brasil inteiro.

MARGARIDA MARIA ALVES: DISCURSO HISTÓRICO EM 01/05/1983

"No campo e na cidade, queremos liberdade. Companheiras de Alagoa Grande (PB), do Brasil e da América

Latina, nós estamos aqui para denunciar as irregularidades no campo e na cidade contra os trabalhadores.

A prepotência dos proprietários de Alagoa Grande estão oprimindo a diretoria do Sindicato e, ainda na última sexta-feira, recebemos ameaças dentro de nossa sede, mas eu quero dizer a vocês que nós não tememos qualquer ameaça e que nós vamos até o fim em luta por melhores condições de vida para os trabalhadores – doa isso a quem doer, goste quem gostar.

Da luta eu não fujo, porque entendo que é melhor morrer na luta do que morrer de fome. Fiquem certos, trabalhadores, que mais fácil será saber que nós tombamos do que vocês ouvirem dizer que nós fugimos correndo. Dizem os proprietários de Alagoa Grande que nós estamos invadindo as suas propriedades – invadindo estão eles!

Denuncio em bom e alto som: invadiram os direitos dos trabalhadores. Precisamos que vocês cerquem fileiras do nosso lado porque a situação está cada vez pior. Eu quero pedir que, quando vocês voltarem para as vossas casas, lembrem-se e rezem por aqueles que já tombaram na

luta, rezem também por aqueles que estão na luta, enfrentando a ameaça dos poderosos, na frente da batalha.

Não poderia calar diante de tudo isso e, se assim eu fizesse, um líder teria só um nome de líder porque a ninguém é dado o direito de baixar a cabeça, cruzar os braços, ficar calado diante de uma calamidade pública.

Por que vamos cruzar os braços se a fome bate na porta do povo? Deus não deixou escritura para ninguém não, Deus deixou a terra para os seus filhos, e hoje ela tá na mão de um grupinho muito pequeno – esse grupinho é o latifundiário, o usineiro, o senhor de engenho.

Vamos dizer um não para esses proprietários que têm tudo e querem tudo para eles. Não os pago e é por isso que todo mundo está morrendo de fome."

MARGARIDA MARIA ALVES: PARA SEMPRE, PRESENTE!



Zezé Weiss - Jornalista.
Editora da Revista Xapuri.



Fotos: Ricardo Stuckert / PR

BANCO DO BRASIL LUCRA R\$ 18,8 BILHÕES NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2024

**LUCRO
DOS
BANCOS**



Foto: Divulgação/



O Banco do Brasil apresentou lucro de R\$ 18,8 bilhões no primeiro semestre de 2024. O valor significa crescimento de 8,5% em relação ao primeiro semestre de 2023. No segundo trimestre, o BB apresentou resultado de R\$ 9,5 bilhões, 2,2% maior do que o apresentado no primeiro trimestre do ano, quando o lucro foi de R\$ 9,3 bilhões.

O retorno sobre patrimônio líquido (PSPL), indicador financeiro também conhecido como ROE e que mede a capacidade da empresa em agregar valor, teve aumento de 0,3 pontos percentuais (p.p.) em doze meses, chegando a 21,7%, exatamente o mesmo percentual apresentado na divulgação dos resultados do primeiro trimestre deste ano.

Segundo o BB, o resultado foi influenciado pelo aumento das receitas de crédito e tesouraria, combinado com a queda nas despesas financeiras e que resultou no crescimento de 16,4% da margem financeira bruta.

"O lucro do BB é fruto direto da dedicação de todos os funcionários. E, por isso, nós estamos cobrando valorização real nos salários e aumento na remuneração, incluindo PLR, para que o banco valorize devidamente os trabalhadores e trabalhadoras", destaca Fernanda Lopes, coordenadora da Comissão de Empresa dos Funcionários do Banco do Brasil (CEBB).

AGÊNCIAS E CLIENTES

Dados divulgados no relatório produzido pela equipe do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) sobre os recentes resultados do BB mostram que, no final do semestre concluído em junho, o BB contava com 87.130 funcionários – aumento de 2.099 postos de trabalho em 12 meses. A entidade destaca, entretanto, que enquanto o número de funcionários cresceu apenas 2,5% o de estagiários cresceu 28,7%, totalizando 485 no final do semestre.

No mesmo período, o BB abriu mais uma agência tradicional,

ficando com um total de 3.172 unidades, além de 13 agências digitais, passando a ter no país 826 estruturas deste perfil. Por outro lado, em doze meses, houve a redução de 40 postos de atendimento bancário (totalizando 1.530 unidades) e aumento de 1,64 milhão de clientes, alcançando 83,29 milhões em junho de 2024.

"Existe um movimento no setor bancário do Brasil de redução de vagas e fechamento de agências no setor, mesmo diante do crescimento de lucros. Então, esse dado do BB, de aumento de 2.099 postos e praticamente manutenção de agências formais, mostra a importância dos bancos públicos para o setor, com perspectiva de abertura de novos concursos públicos", avalia Fernanda Lopes.

O BB está no grupo dos quatro maiores bancos do país, ao lado de Itaú Unibanco, Bradesco e Santander. Enquanto o banco público apresentou crescimento no número de vagas, na variação entre o primeiro semestre de 2023 e primeiro semestre de 2024, todos os demais reduziram: Itaú em -1.785; Bradesco em -573 e Santander em -80. No total, os bancos privados fecharam no país 2.438 vagas de emprego.

CARTEIRA DE CRÉDITO

A concessão de crédito cresceu 13,2% em 12 meses e 3,9% no trimestre, totalizando R\$ 1,18 trilhão, em junho de 2024. O Agronegócio, que representa um terço de toda a carteira da instituição, foi o que mais cresceu: 14,9%, em um ano, totalizando R\$ 335,45 bilhões.

No mesmo período, a carteira Pessoa Física cresceu 5,7% (R\$ 317,24 bilhões) e a carteira Pessoa Jurídica expandiu 10,9% (R\$ 323,81 bilhões).

INADIMPLÊNCIA E DESPESAS COM PCLD

O BB afirma que o índice de inadimplência para atrasos superiores a 90 dias ficou em 3,00%,

aumento de 0,27 p.p. em relação a junho de 2023, mas ainda abaixo da inadimplência média do Sistema Financeiro Nacional (3,20%).

Já as despesas com provisão para créditos de liquidação duvidosa (PCLD), também chamada de provisões para devedores duvidosos (PDD), cresceram 56,1%, em doze meses, totalizando R\$ 19,96 bilhões no primeiro semestre de 2024.

A título de comparação, em março, o BB havia divulgado crescimento de 145,3% na PDD, totalizando R\$ 10,15 bilhões no primeiro trimestre de 2024. Esse aumento significativo na provisão havia sido reflexo do agravamento do risco nos segmentos *large corporate* (grande empresa) e agronegócio.

"No 2º trimestre, houve redução na PDD, porém, poderia ter caído mais, porque o BB não sofre com uma inadimplência significativa e, por mais que a carteira de crédito tenha crescido, não foi de maneira tão significativa, quando consideramos a evolução em 12 meses", avalia a economista da subseção do Dieese na Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), Vivian Machado.

Ela explica que a PDD é uma reserva importante, que é feita para que o banco se proteja de uma futura perda em relação aos inadimplentes, entretanto essa despesa impacta negativamente no lucro. "Ou seja, quanto maior a PDD menor o resultado, o que, por sua vez, impacta, por exemplo, na distribuição de Participação nos Lucros e Resultados (PLR) aos funcionários. Se o BB tivesse reduzido em R\$ 1,5 bi, o lucro apresentado no semestre teria superado ao do banco Itaú", completa.

Fonte: Contraf-CUT

MÁRCIO SOUZA: ABRINDO CAMINHOS

José Ribamar Bessa Freire

Yeba Buró celebra este filho / da terra – senhor da palavra / e da memória – que feito pássaro / partiu para a terra sem males. (Tenório Telles. Réquiem para Márcio Souza)

Márcio Souza, que faleceu em Manaus nesta segunda (12), abriu caminhos para a nossa geração. Ilustro aqui com dois episódios: um na França, outro em Manaus. Quando ele passou em 1972 por Paris, onde me encontrava exilado, fomos ver num dia de outono “*O charme discreto da burguesia*”, que acabava de ser lançado. Depois, fizemos longa caminhada pela avenida Daumesnil. No momento em que entramos na Praça da Bastilha, ele me disse em tom provocador:

– Quem diria, hein? A Bastilha foi derrubada com ajuda de povos indígenas que viviam no Brasil.

Na hora, pensei que Márcio estava de gozação. Não estava. Ele me recomendou o livro *O Índio brasileiro e a revolução francesa*, escrito em 1937 por Affonso Arinos, que queria saber de onde surgiu o ideário de igualdade, liberdade e fraternidade. Para isso, buscou os filósofos gregos. Mas foi nas descrições etnográficas de viajantes que, surpreso, encontrou a filosofia dos Tupinambá, cujo modo de vida fascinou os iluministas. Insuspeito, Arinos não simpatizava inicial-

mente com as culturas indígenas, que desconhecia.

Passou a conhecê-las, quando documentou a presença de indígenas na França, com quem, através dos séculos, os humanistas e iluministas mantiveram contato, entre outros, Montaigne, Voltaire e Rousseau. O intercâmbio sistemático com os Tupinambá se deu ao longo do período colonial. Raoni, o último da lista de caciques recebidos nos últimos cinco séculos pelos chefes de Estado, é condecorado no séc. XXI pelo presidente da França, Emmanuel Macron, com a Legião de Honra, a maior distinção concedida pela França aos que se destacam no cenário mundial.

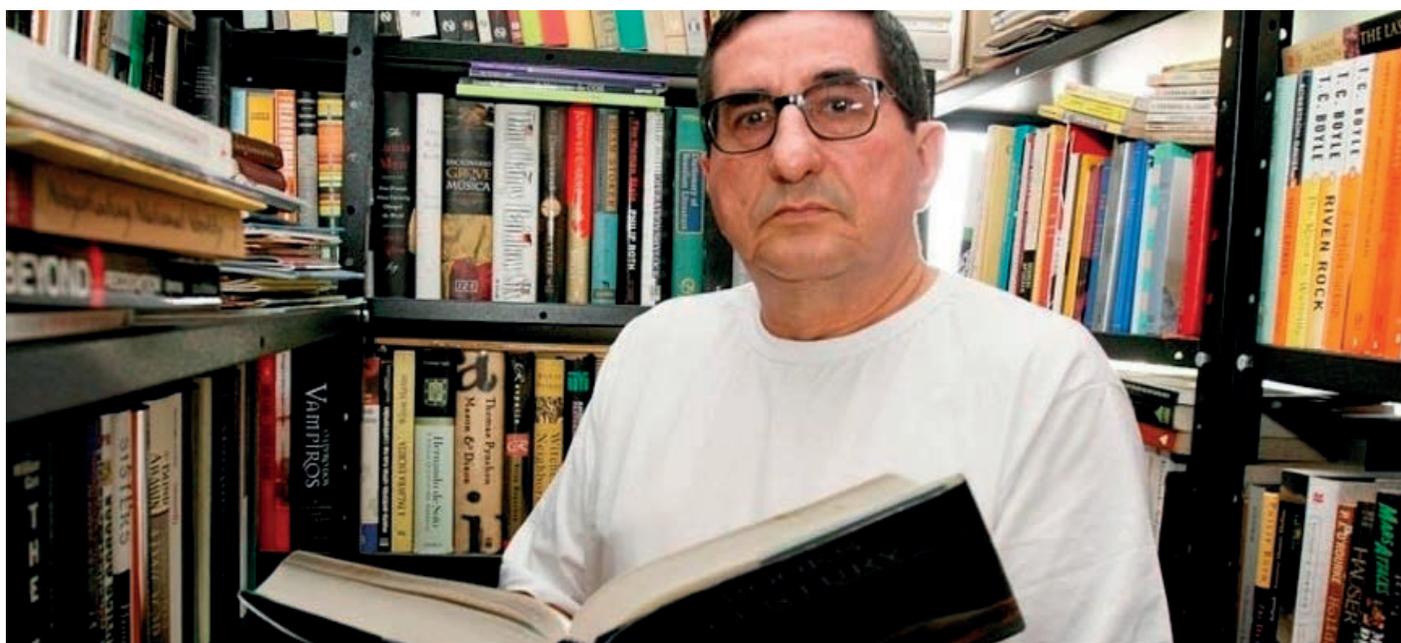
A EXPRESSÃO AMAZONENSE

No retorno do exílio, já em Manaus, nos reuníamos aos sábados, algumas vezes com o poeta Aldísio Filgueiras, com quem era unha e carne, para ler em voz alta trechos do livro *A Expressão Amazonense*, que só seria publicado um ano depois, em 1977, quando a ditadura empresarial-militar ainda mantinha seus dentes arreganhados.

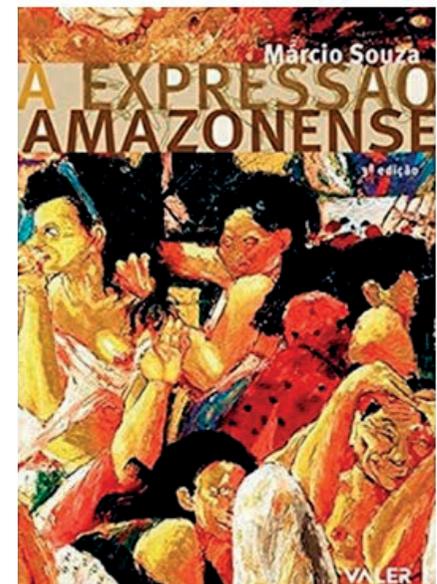
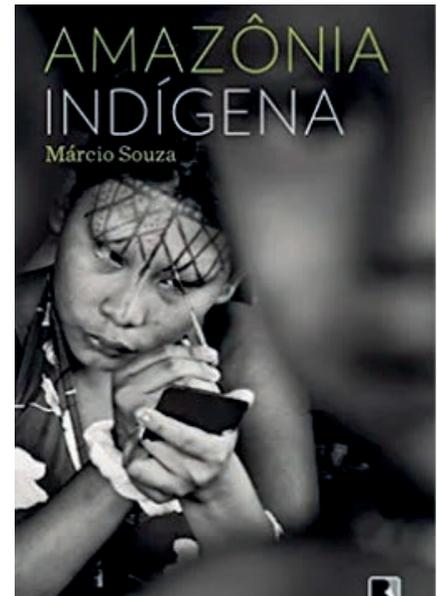
No meio das trevas, era uma lufada de inteligência e de liberdade, abria clarões, indicava caminhos a percorrer, iluminando as salas de aula da Universidade Federal do Amazonas, onde eu era professor.

Durante sucessivos semestres, discuti o texto com os alunos, usei-o como um pastor usa a Bíblia. Mas no bom sentido. Com o senso crítico aguçado. Nada do que debatíamos dispensava consulta aos seus capítulos e versículos. Funcionava como um espelho, onde, procurando, podíamos ver a nossa própria imagem. Seu último livro é dedicado a cinco amigos: a dois indígenas, a dois bispos e a mim, autor do prefácio. Trata-se de uma coletânea de textos sob o título *Amazônia Indígena*, uma espécie de *A Expressão Amazonense II*.

Com uma erudição de “rato de biblioteca”, Márcio explorou livro a livro as estantes de Djalma Batista, que o perfilhou. Estabeleceu um diálogo com a produção científica sobre a Amazônia, reivindicando a centralidade da região, debatendo, polemizando e defendendo o lugar por ela ocupado na história. Transitou com desenvoltura por diferentes campos



Fotos: TaquidProf11



do saber, com enfoque interdisciplinar, que mergulha na filosofia grega e alemã, emerge entre os enciclopedistas, fica de bubuia e deságua na produção da literatura local.

OUTRO NOME DA AMAZÔNIA

Márcio olha a Amazônia com a ajuda de grandes pensadores. Mas vai além. Com olhos bem abertos para dentro e para fora da região, constrói a sua legitimidade para o debate, à maneira dos cronistas, não apenas a partir da leitura de livros, mas incorporando sua experiência pessoal na leitura da floresta, dos povos que nela vivem e das cidades erguidas dentro dela nos últimos quatro séculos.

Seu lugar de enunciação é o de um amazonense – muito mais que quatrocentão, um amazonense milenar – conhecedor das narrativas míticas que circulam na oralidade, dos sopros da criação e das histórias do vento que vêm da floresta, do rio e dos povos que aí vivem e navegam.

Traz para a ribalta, como protagonistas, os povos originários, “os únicos que haviam conquistado o status de uma cultura que falava em todos os níveis a linguagem da Amazônia” e que foram capazes de criar um padrão da *Cultura da Selva Tropical*. Incorpora as principais conclusões da arqueologia e da etnolinguística para dar conta das sociedades de caçadores e de coletores, até a formação dos primeiros agricultores que domesticam plantas e fazem experimentos em sintonia com os ecossistemas.

Registra também as narrativas míticas que se mantêm vivas e que tratam da origem do mundo, do nascimento dos homens, das aventuras de Jurupari e outros heróis civilizadores, assim como as histórias de conteúdo profano, erótico ou cômico, com suas articulações dramáticas e seu encanto sensorial.

Juntos, com outros companheiros, fundamos o PT-AM, em 1980, quando foi aprovado documento escrito a quatro mãos por mim e por ele intitulado *O PT e a questão indígena*, que teve duas edições. As teses ali apresentadas foram discutidas, em São Paulo, em dois encontros nacionais: no Colégio Sion, quando assinamos o manifesto; e no Instituto Sedes Sapientiae, quando votamos programa, estatuto e plano de ação do Partido, que incorporou reivindicações indígenas: a demarcação da terra e a autodeterminação dos povos originários.

A LUTA INDÍGENA

Juntos, contribuimos com o jornal *Porantim* em defesa da causa indígena. Somos coautores também com Mário Juruna, Megaron e Marcos Terena do livro *Os índios vão à luta*, editado, em 1981, por Felipe Lindoso e Maria José Silveira, onde consta a situação demográfica e jurídica, assim como a política indigenista oficial, a integração forçada, a organização e a resistência.

No seu último livro, Márcio faz um balanço do processo colonial: violência, escravidão, catequese, guerras “justas”, mas também a resistência

dos Tupinambá em Belém, dos Manau, Baniwa, Mura e Baré e outros povos na área do Forte de São José da Barra, além de centenas de rebeliões. Ele profetiza:

A Amazônia índia é um anátema: um purgatório onde culturas inteiras se esfacelam no silêncio e no esquecimento. E quando esta entidade heroica e sofredora deixar de existir, será necessário encontrar outro nome para o vale: já não teremos mais Amazônia.

Mas a Amazônia resiste. Algumas rebeliões, de um passado recente, o autor ouviu pela primeira vez da boca de seu pai Jamacy, linotipista em vários jornais e sindicalista



combativo que, em 1964, punido pela ditadura, foi trabalhar como coletor de rendas em Santo Elias do Airão, onde circulavam histórias de caçadores de índios e de massacres dos Baré e dos Waimiri-Atroari. Chocado com a brutalidade dos embates, Jamacy as recontou em sua casa aos filhos. Fez isso em memória de indígenas perseguidos e massacrados.

DONA AMÉRICA

Essas narrativas, bem como a resistência contra o poder colonial e contra a ditadura, estão presentes no livro, que não poderia ter sido escrito sem o trabalho realizado pelo grupo de Teatro Experimental do SESC do Amazonas, que encenou entre outras peças *A Maravilhosa História do Sapo Tarô-bequê*, *A Paixão de Ajuricaba*, *Dessana Dessana*, *Tem Piranha no Pirarucu*, *As Folias do Látex* e tantas outras obras teatrais, que Márcio escreve e colocou em cena.

Sempre muito discreto, Márcio quase nunca cita a mãe e o pai nos seus textos e entrevistas. No prefácio de *Amazônia Indígena*, intitulado *Uma árvore derrubada, uma palavra suprimida*, tomei a liberdade de mencionar, além do pai, uma outra América, dona América, a mãe, chamando a atenção para o fato de que ela sabia escutar essas histórias.

Márcio me contou que leu o prefácio para a mãe, deixando-a muito emocionada com a homenagem a ela, uma amiga muito querida. Duas semanas depois, dona América faleceu aos 92 anos. Agora foi a vez do Márcio, o tempo todo sempre à frente de todos nós, na vida como na morte. A ele, o preito e o pranto do Taquiprati, que perde um interlocutor, um admirador, um parceiro, um irmão, um amigo.

O Brasil perde um pensador original. Em nota de pesar divulgada pelo Palácio do Planalto, o presidente Lula ressaltou que Márcio “discutiu em sua obra, formada por quase 40 livros, o papel social do escritor e cineasta durante o regime militar e sua contribuição para a cultura nacional”.

RÉQUIEM PARA MÁRCIO SOUZA Tenório Telles

A manhã cinzenta
e silenciosa emudeceu
os pássaros não cantaram
o sol fechou os olhos
em deferência ao senhor
da memória da terra:
dos refolhos do tempo
ouvem-se os cantos dos silenciados
dos mortos sem sepultura
dos heróis anônimos dos beiradões:
dos que lutaram pela terra
dos que lutaram pela fé
dos que lutaram pelos seus deuses

dos que lutaram por suas histórias milenares – por seus amores martirizados onde o canto guerreiro de Ajuricaba:
quem celebrará seu amor por Inhambu
quem cantará o canto de sua gente quem lembrará sua causa e seu amor pela liberdade quem tecerá a poranduba perdida dos povos esquecidos: tarumãs, passés, Manaus todas as gentes desterradas – órfãs da grande utopia ameríndia do sonho de Buopé do sonho de Conory do sonho de Maruaga do sonho da grande rainha Amurians e suas mulheres guerreiras de dentro da noite da memória Yeba Buró entoar um canto triste lamentoso pela partida daquele que deu voz aos mortos e proscritos da pátria das águas dos martirizados da floresta a grande senhora do céu a grande avó do tempo a grande criadora do mundo Yeba Buró celebra este filho da terra – senhor da palavra e da memória – que feito pássaro partiu para a terra sem males.
Manaus, 12.08.2024.

Referências:

1. Márcio Souza. *Amazônia Indígena*. Rio. Record. 2015.
2. Márcio Souza, José Ribamar Bessa, Mário Juruna, Megaron, Marcos Terena: *Os índios vão à luta*. Coleção 2 pontos. Rio. Editora Marco Zero. 1981
3. Taquiprati. *Os índios e a queda da Bastilha*. 28/02/2016 <https://www.taquiprati.com.br/cronica/1254-os-índios-e-a-queda-da-bastilha-en-esp>
4. Taquiprati. *Márcio Souza: A Amazônia Indígena*. 25/10/2015 <https://www.taquiprati.com.br/cronica/1168-marcio-souza-a-amazonia-indigena-esp>



José Bessa Freire – Escritor. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*. Crônica publicada originalmente em seu blog www.taquiprati.com.br

PERIGOSA, ESQUECIDA E LINDA!

— Antenor Pinheiro, especial de Hidrolândia/GO, Brasil



Foto: Antenor Pinheiro

Um sonho perdido ou uma paixão aquecida, como quer que concebam os vivos, não importa que se afaste centímetros dos jardins do mundo a cada ciclo vencido - ó perigosa lua! É certo que continua arrebatadora por sua volúpia inebriante, brilhante, envolvente. Se mantém o corpo remanescente dos detritos da violenta colisão celeste, e desfila em fases, soergue e agita as águas dos mares, incandesce sentimentos proibidos e admitidos, garante o consenso, pois - ó poderosa lua! E por não possuir camadas pra melhor se proteger, permanece embalada por canções de ninar e carinhosamente adeja saudades de amores que partiram. Retém,

guardiã dos juízos no lastro da escuridão do céu, acesa e ardente, a solidão que fascina, a raiva incontida dos brutos, a singeleza inflamada dos olhares vadios e viris dos amantes. Se finge esquecida, mas reflete a luz do sol que atíça e que também daqui se afasta, a cada dia perigosamente vivido - ó lua linda!



Antenor Pinheiro -
Geógrafo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



*“São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão
Principalmente quando uma lua
chega de repente
E se deixa no céu, como esquecida...”
Vinícius de Moraes (1971).*

EU LUTO PELA EDUCAÇÃO. E VOCÊ?

A Campanha Salarial da categoria do magistério público do DF está a todo vapor! Neste ano, a reivindicação é pelo reajuste imediato de 19,8%, rumo à meta 17 do Plano Distrital de Educação.

O índice de 19,8% repõe as perdas inflacionárias geradas de janeiro de 2019 a dezembro de 2023. Já a meta 17 do PDE equipara o vencimento básico de professores(as)

e orientadores(as) educacionais à média da remuneração das demais carreiras de servidores públicos do DF de escolaridade equivalente.

Nossa pauta de reivindicação da Campanha Salarial caminha paralela à luta pela nomeação de todos(as) os(as) aprovados(as) no último concurso público do magistério; pelo cumprimento integral e célere do acordo de greve de 2023; pelo fim da superlotação das salas de aula; pela construção de escolas; por merenda de qualidade; pelo fortalecimento da EJA (Educação de Jovens e Adultos), do Batalhão Escolar e do PDAF (Programa de Descentralização Administrativa e Financeira); além de investimento na Educação Inclusiva e da defesa do Ensino Médio.

***O que a gente quer é uma
educação pública de qualidade!***

CAMPANHA SALARIAL

19,8%

JÁ!

RUMO À META 17

SINPRO
SINDICATO DOS PROFESSORES
NO DISTRITO FEDERAL

Filial:®
CUT
CNTE
DF

45
ANOS
CUT
CNTE
Escola é lugar de ser feliz.®



saiba mais



PARABÉNS NOMEADOS.
BEM-VINDOS À LUTA

NOMEAÇÕES
APROVADOS SEE!
PREFÉRENCIAS IMPOR-
TANTÍSSIMAS

EDUCAÇÃO NÃO É GASTO,
É INVESTIMENTO.
APROVADOS 25
MIL NOMEAÇÕES

CONVICA
Educação Brasileira
para o futuro.
É um direito!

CONVICA
Educação Brasileira
para o futuro.
É um direito!

CONVICA
Educação Brasileira
para o futuro.
É um direito!

CONVICA
Educação Brasileira
para o futuro.
É um direito!

CONVICA JÁ!

PROFESSORES(AS) E ORIENTADORES(AS) APROVADOS(AS) NO CONCURSO DE 2022



Foto: Divulgação/ Lalo de Almeida/Folhapress



O FOGO NÃO DÁ TRÉGUA NO PANTANAL

Eduardo Pereira

O Pantanal, Patrimônio Nacional segundo a Constituição de 1988 e Patrimônio da Humanidade e Reserva da Biosfera por declaração das Nações Unidas desde o ano 2000, é hoje um dos biomas brasileiros mais fragilizados pela intervenção humana e pelas mudanças climáticas.

Nos últimos anos, acreditava-se que a seca no Pantanal fosse um fenômeno ocasional e periférico, atingindo o bioma de forma irregular ou apenas em áreas de transição com outros biomas. Mas a verdade é que o Pantanal, um dos biomas mais úmidos que temos, também está perdendo água.

Segundo levantamento do Map-Biomas Água, o "Pantanal foi o bioma que mais secou desde 1985". Em 2023, foi observada uma redução de 61% com relação à média histórica da quantidade de água da superfície. A seca, em consequência, resulta em incêndios devastadores. Dados do MapBiomas mostram que, nos últimos cinco anos, 9% da vegetação do bioma foi degradada por queimadas.

Além disso, segundo registros do Departamento de Meteorologia da UFRJ, apenas em junho deste ano de 2024, foi observada a maior média de área queimada no Pantanal desde 2012. Em apenas um mês, o fogo destruiu assombrosos 411 mil hectares no bioma, sendo que a ação humana é a principal causadora das queimadas. Cerca de 84% dos incêndios são gerados por ações antrópicas, segundo a UFRJ.

Segundo especialistas, as queimadas são agravadas e perduram pela falta de umidade em períodos de seca intensa, pioradas pelo processo de aquecimento global, além da ação antrópica local. Com as ações humanas acelerando o processo, acaba ocorrendo um círculo vicioso

de condições que proporcionam secas mais duradouras e mais severas.

De fato, o fogo não dá trégua ao Pantanal. O Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais (LASA) da UFRJ detectou, nos cinco primeiros meses de 2024, que a área queimada somou 332 mil hectares, 39% mais que a registrada em igual período de 2020, quando o bioma sofreu a pior destruição de sua história.

Agora, números contabilizando os primeiros dias de junho mostram que a devastação continua aumentando. De janeiro a junho deste ano, 372 mil hectares do Pantanal foram atingidos por incêndios – área que supera a de duas cidades de São Paulo. A extensão é 54% maior do que a afetada pelas chamas no mesmo período de 2020.

Até 14 de junho, segundo a plataforma BDQueimadas, do INPE, o bioma registrou 2.019 focos de incêndio em 2024. Em igual período de 2023, foram 133 focos. Já em relação a 2020, apesar da atual área de devastação ser maior, havia mais focos – 2.206.

O Mato Grosso, que abriga cerca de 40% do Pantanal brasileiro (os outros 60% estão no vizinho Mato Grosso do Sul), lidera o ranking de queimadas dos estados neste ano, de acordo com o BDQueimadas. Entre janeiro e junho, mais de 28 mil focos de incêndios foram registrados no Brasil, sendo 7,4 mil somente em Mato Grosso, informa o G1.

O biólogo e diretor de comunicação da ONG SOS Pantanal, Gustavo Figueirôa, registrou de perto as cicatrizes que o fogo tem deixado na fauna e na flora pantaneira. As imagens, exibidas pelo G1, mostram um jacaré carbonizado, carcaças de animais e a cinza tomando conta da vegetação que já foi verde.

Para se ter ideia da estiagem, o G1 informa que em 15 de junho o nível do rio Paraguai, a principal bacia do

Pantanal, estava 3,1 metros abaixo da média para junho em Ladário (MS), segundo o boletim do Serviço Geológico do Brasil (SGB). Para a SOS Pantanal, além da seca, os incêndios no Pantanal resultam também do impacto das mudanças climáticas, de fenômenos como *El Niño* e da falta de uma articulação pública mais eficiente contra o fogo.

A maior parte dos focos se concentra no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, onde também foi registrada, em 2023, a maior perda de superfície de água proporcional, com redução de 53% em comparação com a média histórica.

De acordo com a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, em declaração à Agência Brasil, "há um agravamento dos problemas de natureza climática e as consequências chegarão mais cedo este ano, com repercussão ambiental muito grave".

Com isso, fica a pergunta: será o Pantanal o próximo bioma a se tornar um imenso semiárido? Não se sabe. O que se sabe é que não é de hoje que existe consciência sobre essa possibilidade e também que existe gente lutando para que isso não aconteça.

Em 12 de novembro de 2005, no dia que ficou marcado como o Dia do Pantanal, um pantaneiro, Francisco Anselmo de Barros, conhecido como Francelmo, ateou fogo ao próprio corpo, sacrificando sua própria vida para salvar o bioma que tanto amou. "Já que não temos voto para salvar o Pantanal, vamos dar a vida para salvá-lo", foi o que Francelmo deixou escrito em sua nota de despedida.



Eduardo Pereira - Sociólogo. Produtor Cultural. Sócio da Revista Xapuri.



OS BOE BORORO: CULTURA E HISTÓRIA

Suzana Moura

Os Bororo são um povo indígena do Brasil, conhecido por sua rica cultura e uma história de luta e resistência fascinante. Habitante do Cerrado, da região Central do país, especificamente do Mato Grosso, esse povo tradicional desempenha papel de suma importância na preservação da identidade indígena e na luta pela abonação de seus direitos territoriais e culturais.

Meruri é uma grande comunidade dos Boe Bororo, cercada pela biodiversidade e com histórias que o tempo não pode apagar. A escrita a seguir é fruto de uma pesquisa que tem por fundamentação aula de campo e as vivências na aldeia.

O texto se justifica pelas minudências oferecidas pela ambientação da aldeia, pela visão não indígena e, principalmente, porque esse olhar

tem muito respeito pelos povos originários, que desempenham um papel fundamental para a valorização, relevância, pela real ancestralidade brasileira, que são os povos tradicionais.

Segundo relatos *in loco*, os Boe Bororo, como também são conhecidos, representam uma das mais antigas etnias indígenas do Brasil. Por serem nômades, acredita-se que tenham sua formação originária na Bolívia, pela influência da língua e algumas características físicas.

A história data aproximadamente dos anos 1700, quando tiveram o primeiro contato com os bandeirantes no rio Cuiabá, onde foram escravizados para os garimpos de ouro. Depois de um tempo, dividiram-se e, misturados com os não

índios ou povo branco, chegaram então ao Rio Vermelho, também em Cuiabá, e ali fizeram morada, desenvolveram a sua cultura, suas tradições, e criaram raízes.

Hoje, os Boe Bororo ainda estão espalhados pela região Centro-Oeste e alguns até no Amazonas, com sua própria língua, que pertence à família linguística bororo. Sua cultura é rica em mitos, rituais e práticas tradicionais, transmitidas oralmente para a comunidade.

Também são conhecidos pelas habilidades artísticas, incluindo a produção de cestaria intrincada e colorida e a confecção de instrumentos musicais com bambus e penas de araras. Suas criações muitas vezes refletem a natureza e os mitos de suas tradições e a pintura dos corpos é a codificação de uma cosmovisão.

A sociedade Bororo é tradicionalmente organizada em aldeias que são demarcadas em clãs, que são as famílias tradicionais, e vivem em uma sociedade matrilinear, a descendência e a herança são geralmente traçadas através da linha materna. Isso significa que a linhagem é determinada pela ancestralidade da mãe, ressaltando a importância da figura materna, que é norteadora pela sensibilidade e o respeito feminino.

A figura da mulher dentro da aldeia desempenha um papel de intensa valorização, pois são elas que detêm a riqueza geradora dos espíritos Bororo, sendo reconhecidas como sagradas frente à cultura.

Outrossim, as mulheres desempenham as funções da educação, no repasse das tradições e ensinamento das atividades culturais, integram ativamente a sociedade assumindo papéis de significância maior, caçam e pescam, produzem artesanatos e participam das atividades da aldeia, como rituais fúnebres, batizados e rituais de passagem, conforme a idade.

As mulheres mais velhas assumem um papel ainda mais importante, que é guardar os espíritos, as almas dos seus familiares. Por todas as questões descritas, segundo relatos dentro da aldeia, acredita-se que a origem Bororo tenha sido de duas mulheres. São sagradas dentro da aldeia.

Vale reconhecer e respeitar a diversidade cultural dos povos tradicionais, como os Bororo, e entender que suas práticas e modos de vida são valiosos componentes do patrimônio cultural brasileiro.

A vida comunitária é ponto de equilíbrio para o desenvolvimento e a sustentação da própria cultura e as atividades diárias incluem a caça, a pesca, a confecção de artesanatos, o desenvolvimento da língua e o repasse para as novas gerações.



Suzana Moura – Graduada em Letras e Pedagogia, mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG.





Foto: Divulgação

UMA MULHER PRESIDENTA DOS ESTADOS UNIDOS: UM NOVO FEMININO?

Leonardo Boff

A possibilidade real de que uma mulher, Kamala Harris, venha a ser presidenta da potência imperial, os Estados Unidos da América, representaria um novum na história daquele país e um passo à frente no relacionamento entre os gêneros.

Os USA, independentes desde 1776, tiveram 44 presidentes, todos homens e nenhuma mulher. Como já foi assinalado por outros, muitos encaram o presidente exclusivamente como o chefe das Forças Armadas, aquele que pode usar o telefone vermelho e apertar o botão para deslanchar uma

guerra nuclear. Poucos o consideram como o promotor do bem comum, deixado à própria sociedade, de viés privatista, mas com um sentido comunitário muito forte.

Por isso os USA vivem fazendo guerras por todas as partes. Praticamente todos os presidentes, in-



clusive Obama, se sentem imbuídos do “destino manifesto”, a crença (imaginária) de que os Estados Unidos são ungidos como “aquele novo povo de Deus com a missão de levar a democracia (burguesa), os direitos humanos (individuais) e a liberdade (do mercado) para o mundo”.

Desde o triunfo do patriarcado no Neolítico, surgido há dez mil anos, com a formação de vilas e da agricultura, as mulheres sempre foram relegadas ao mundo do privado. Mesmo sabendo que antes, há vinte mil anos, vigorou o matriarcado, formando sociedades igualitárias, integradas com a natureza e profundamente espirituais.

O patriarcado, a predominância do macho (machismo), foi uma das maiores errâncias da história humana. Atribui-se ao patriarcado o tipo de Estado que temos, a criação da burocracia e dos impostos, a introdução da guerra, a violência como forma de resolver problemas, a apropriação privada de terras, a geração de desigualdades e de todo tipo de discriminação. No capitalismo, em suas várias formas, ganhou sua mais expressiva configuração, com a imensa taxa de iniquidade social que carrega consigo.

Em todo esse processo, as principais vítimas foram as mulheres junto com os destituídos de força e poder. Desde então, o destino da mulher, em termos histórico-sociais, vem definido a partir do homem, que ocupava todo espaço público.

Mas lentamente, a partir dos Estados Unidos, no século XIX, as mulheres foram ganhando consciência de sua identidade e de sua autonomia. O movimento feminista cresceu, fez-se atuante em praticamente todos os países e ocupou os espaços públicos.

Entraram nas universidades e, qualificadas, no mercado de trabalho, as mulheres introduziram seus valores singulares (não exclusivos) enquanto mulheres: mais dadas à colaboração que à competição, própria dos homens, mais cuidado, mais flexibilidade, mais capacidade de lidar com a complexidade, mais sensibilidade humana, mais coração,

por fim, mais abertas ao diálogo, impondo limites ao autoritarismo machista e patriarcal.

Numa palavra, trouxeram mais humanidade a um mundo racional, rígido, concorrencial, eficientista, marcado pela vontade de poder como dominação: o mundo dos homens. Elas, por sua natureza, representam antes a vontade de viver, de cuidar e de relacionar-se. Numa linguagem junguiana, enriqueceram com sua *anima* o mundo do *animus*.

Mesmo assim, a luta em favor da igualdade de gênero está longe de ser plenamente assegurada. Só em 1920 as mulheres conquistaram nos Estados Unidos o direito ao voto. No Brasil, em 1932, sendo hoje 52% o eleitorado feminino. Das 500 maiores empresas norte-americanas, só três mulheres ocupam a função de presidente (CEO). Nas outras empresas, só 11,8%. No Brasil é um pouco mais: 17% delas são presidentes de empresas.

Mesmo dentro das limitações impostas pelo patriarcado dominante no mundo, muitas mulheres chegaram a ser chefes de Estado: na Alemanha, na Inglaterra, no Brasil, na Argentina, na Índia, na Libéria, em Bangladesch, na Tunísia, na Etiópia, na Tanzânia, no Canadá, no Chile, na Costa Rica, em Honduras, no Panamá, na Coreia do Sul, nas Filipinas, na Indonésia, em Israel, no Nepal, na Eslováquia, na Estônia, na Finlândia, na Grécia, na Hungria, na Irlanda, em Portugal, na Nova Zelândia e em outros países.

Agora surge a chance de uma mulher mestiça, Kamala Harris, chegar ao centro do poder imperial como presidenta. Significaria o empoderamento da identidade e da autonomia relacional das mulheres.

Nesse contexto, cabe citar uma frase do Fund o das Nações Unidas para a População, ainda nos idos de 2001: “*A raça humana vem saqueando a Terra de forma insustentável; e dar às mulheres maior poder de decisão sobre o seu futuro pode salvar o planeta da destruição*”. Não se fala de simples participação, mas de decisão.

Com sua capacidade de decisão, se reforça significativamente a ges-

tação de um novo paradigma: o da reciprocidade, o da mutualidade entre o homem e a mulher. Surge o andrógono: o ser humano novo, o homem resgatando sua dimensão de *anima*, com a ajuda das mulheres, vale dizer, a capacidade da ternura, da entrega sem reservas, da sensibilidade cordial, junto com sua dimensão de *animus*.

A mulher desenvolvendo seu *animus*, quer dizer, sua capacidade de iniciativa, de criatividade, de inteligência operativa, de direção, junto com sua *anima*, se torna uma força histórica significativa.

Resgata-se desta forma a verdade que o mito antigo queria expressar: o ser humano andrógono, um ser completo, cada um é portador, em grau próprio, da *anima* e do *animus*. Ocorre que esse ser uno e andrógino foi cortado ao meio. Surgiu o homem e a mulher, mas separados. Entretanto, em seu inconsciente profundo, estão sempre procurando um ao outro. Uma força de atração busca uni-los e restaurar a unidade primigênia.

A ancestral guerra dos sexos e das políticas opressivas e repressivas dos gêneros seriam progressivamente superadas. Politicamente a melhor forma de caracterizar esse avanço civilizatório seria a democracia participativa, socioecológica, na qual o homem e mulher de forma cooperativa e solidária construiriam um mundo novo. Este responde aos anseios mais profundos da psiqué humana. O reengendramento do homem que só se realizará a partir do novo feminino, como força sócio-histórica.

O fato provável de uma mulher, Kamala Harris, se tornar a presidenta do país mais poderoso do mundo representaria um passo decisivo rumo a um novo paradigma de cooperação entre os sexos, incluindo também a natureza da qual ambos são parte. É o que se espera para o futuro, caso este ainda possa existir.



Leonardo Boff - Leonardo Boff escreveu, junto Rose Marie Muraro, o livro *Feminino & Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*, última edição, 2024.



ALICIA MANGABEIRA: “NADA SOBRE NÓS SEM NÓS!”

Eduardo Pereira

Alicia Mangabeira, no cartório registrada como Alicia Santana Salvador, se define como “mulher preta, extrativista, pescadora, mãe, ativista e militante”, uma das fundadoras da Associação de Catadoras de Mangaba, criada em 2007 no município de Indiaroba, em Sergipe. Em entrevista à *Revista Xapuri*, Alicia reafirma os valores que a fizeram entrar na luta coletiva das catadoras de mangaba do Sergipe:

Nós nos juntamos para garantir o sustento de nossas famílias e para defender nossos direitos. Primeiro foi a luta. Depois, com o tempo, fomos nos organizando também na produção. Criamos nossa cooperativa de mulheres extrativistas, que produz cocada, trufa, balas, brigadeiros, doces, licores e geleias, todos os produtos à base da nossa mangaba.

Em sua maioria, as companheiras de Alicia, que se autodenominam “Rainhas das Restingas”, assim como ela, são descendentes de quilombolas, caiçaras e sitiantes. Todas se sentem orgulhosas de suas conquistas: “Essas atividades, as quais nos orgulhamos em realizar, constituem a cultura de sermos mantenedoras identitárias de saberes e fazeres relacionados à defesa do território das matas de restinga, manguezais, rios, lagoas, várzeas e mar no estado de Sergipe”.

De acordo com a Associação, o objetivo das vendas dos seus produtos “vai além de comercialização dos produtos feitos por nós, ‘Rainhas das Restingas’, mas sim de fortalecimento identitário, auto organizacional, trabalho e renda, reprodução de conhecimentos, saberes, práticas e alimentação saudável com receitas isentas



Siga @aliciamangabeiraoficial para acompanhar as lutas e conquistas das Catadoras de Mangaba de Sergipe.

SOBRE A MANGABA

A mangaba é uma fruta típica do Nordeste, fruto da árvore mangabeira (*Hancornia speciosa*), cujo nome em tupi-guarani significa "coisa boa de comer".

Além de deliciosa, a mangaba também possui alta concentração de vitamina C.

Em Sergipe, estado que mais cultiva o fruto, a mangaba é bastante utilizada para polpa de suco e sorvete, chegando em primeiro lugar de consumo para ambas as categorias.

Ao longo dos séculos, a mangaba vem sendo exaltada na literatura. Escrita em 1648, a obra *Historia Naturalis Brasiliae*, dos naturalistas holandeses Georg Marckgraf e Willem Pies, ressaltam o sabor da mangaba:

O excelente fruto desta árvore, a que chamam Mangaíba, penso não deve ser ignorado nem omitido, embora seja antes uma iguaria das mesas, que concernente às nossas preocupações medicinais. Pois lisonjeia tão deliciosamente a gula e tem sabor tão agradável, que não sei se a América produz alguma fruta mais bela e gostosa.

A fruta também se tornou a fruta preferida do pastor calvinista Vincent Soler: "... fruto que na minha opinião é o mais saboroso do país e, por experiência, o mais sadio" [Frase que está relatada na obra *Tempo dos Flamingos*, de José Antônio Gonsalves de Mello]. Como também era a fruta preferida do frade lisboeta Antônio do Rosário, que viveu no XVIII: "Uma das mais nobres frutas desta América é a Mangaba."



Eduardo Pereira -
Sociólogo. Produtor Cultural. Redator da Revista Xapuri.



Foto: Divulgação

de conservantes químicos ou demais aditivos artificiais".

O extrativismo de mangaba também realiza uma importantíssima de função de inserção social. Segundo o site da Associação, no ano de 2016, foram registrados um total de 1.776 famílias que se dedicam ao extrativismo da mangaba, de acordo com a EMBRAPA (2017). Para 38,89% dessas famílias, o extrativismo da mangaba, em ordem de importância, é a primeira fonte de renda.

Porém, o sustento das catadoras e a própria existência da mangaba na região estão em risco. As áreas de ocorrência natural da mangabeira estão sendo ameaçadas pela monocultura e pelos empreendimentos imobiliários, acelerando a destruição das áreas de extrativismo.

Uma solução possível e necessária é o estabelecimento de Reservas Extrativistas em áreas de restinga. Porém, até hoje, após quase duas décadas de luta da Associação de Catadores de Mangaba, Sergipe não tomou providências para demarcar as áreas e criar as Reservas.

Em 1992, Sergipe reconheceu a mangabeira como árvore símbolo do estado e em 2010 reconheceu as Catadoras de Mangaba como comunidade tradicional investida de direitos que devem lhes ser garantidos, conforme prevê a Política

Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais e a Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho. Ainda assim, as Reservas Extrativistas não saem.

Por essa razão, para fortalecer a luta, é que a Associação resolveu disputar espaço na política partidária. Nessas eleições de 2024, Alicia saiu candidata a vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT), "para representar seu coletivo e garantir políticas públicas que sejam voltadas às catadoras e comunidades tradicionais como um todo, assim garantindo não só o seu sustento, mas também ajudando a preservar o meio-ambiente".

Animada, Alicia explica as razões de se embrenhar nessa nova tarefa:

Mediante estas lutas, mediante estas participações em espaços de construção de políticas públicas, a gente percebe que é fundamental a atuação da mulher nesta parte da política, para que possamos de fato garantir uma política pública voltada para nosso povo, que chegue de fato nas nossas bases, e uma política pública que de fato nos atenda. A gente entende que nada pode ser construído sem nós, sem a nossa participação. Daqui pra frente, está decidido: Nada sobre nós sem nós!



Do latim, *educare*: “conduzir para fora”.

Preparar as pessoas
para o mundo e para
a vida em sociedade.
Nossa missão, nosso legado.

Professor(a), equipe pedagógica, secretária(o), técnico(a) de apoio e funcionários(as) das mais diversas áreas (alimentação, limpeza, administrativa ou segurança) vivem a rotina de interação diária com crianças, adolescentes, jovens ou adultos que querem APRENDER.

Se trabalha na escola é educador(a)!

6 DE AGOSTO
DIA NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
® www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à
GUT
BRASIL

Internacional
da Educação





Ilustração: Divulgação/JohnnySilva

XAPURI **CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

